

**Universidade De São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - Diversitas**

MARIEL MARISCOT BENTO KUJIBOEKUREU

As mães das almas Boe:

Textos-vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa Urugureudo

e a importância das mulheres no mundo de Meruri

Versão Original

Aldeia Meruri, Mato Grosso / São Paulo

2022

MARIEL MARISCOT BENTO KUJIBOEKUREU

***As mães das almas Boe: Textos-vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa
Urugureudo e a importância das mulheres no mundo de Meruri***

Versão original

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Librandi

Aldeia Meruri, Mato Grosso / São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K95m Kujiboekureu, Mariel Mariscot Bento
As mães das almas Boe: Textos-vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa Urugureudo e a importância das mulheres no mundo de Meruri. / Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu; orientadora Marília Librandi Rocha - São Paulo, 2022.
98 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. Projeto Bakaru. 2. Mãe de alma . 3. Bororo. 4. Funeral Bororo. 5. Narrativas Indígenas. I. Librandi Rocha, Marília, orient. II. Título.

Título: *As Mães das Almas Boe: Textos-Vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa Urugureudo e a importância das mulheres no mundo de Meruri*

Title: *The Boe Soul's Mothers: Text-Voices of Leonida Akire Kurireudo and Maria Pedrosa Urugureudo and the importance of women in Meruri's world*

Resumo:

Essa dissertação faz parte do Projeto Bakaru, que consiste em revitalizar nossa mitologia e os valores de nossa cultura. Dentro desse grande projeto, minha escolha foi estudar a função das “mães de alma” na vida Boe e nos ritos do funeral. Entrevistei e registrei a voz de duas “Mães de alma” de grande importância em Meruri, de modo a fornecer informações valiosas de Histórias de Vida para estudos futuros e no nosso presente. A forma dessa pesquisa segue a reflexão da Produção Partilhada do Conhecimento para a construção de narrativas coletivas da cultura Boe e teve por base as práticas do Laboratório de Escrita e de Escuta. O estudo do funeral Bororo foi se transformando em um texto vivo, um texto-voz, que realça a fala oral por escrito para ouvirmos melhor o que aqui se inscreve.

Abstract:

In Meruri, Mato Grosso, we are participating in a larger project: The Bakaru Project, which consists of revitalizing our mythology and the values of our culture. Within this great project, my choice was to study the role of "Soul Mothers" in Boe's life and funeral rites. I interviewed and recorded the voice of two "Soul Mothers" of great importance in Meruri, in order to provide valuable information of Life Histories for future studies and in our present. The form of this research follows the reflection of the Shared Knowledge of Production for the construction of collective narratives of the Boe's culture and it is based on the practices of the Writing and Listening Lab. The study of the Bororo funeral was transformed into a living text, a text-voice, that highlights oral speech in writing so that we can better hear what is inscribed here.

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Apresentação	8
1. Preâmbulo: <i>De que dor fala a minha pesquisa?</i>	
1.2. A Pesquisa. Objetivos e Nota de Orientação de Leitura	
Capítulo 1. <i>Será que um dia isso poderá ser diferente?</i>	10
Na escola	
A língua bóe	
Sonho para o futuro das crianças bororo	
Criança em casa	
A educação salesiana	
Colônia Merure'	
Professor na escola	
A escola de Meruri	
A escuta	
O funeral Bororo	
Vida de bororo e de brasileiro	
O Mestrado	
Aprendizados nos cursos	
Estudo I. A figura da mulher Bóe	26
A mulher Bóe numa sociedade matrilinear	
A mulher, a casa matrilinear no corpo da aldeia.	
A mulher-mãe de alma	
A mulher-Muga Pega – a avó.	
A mulher cacica.	
Ser mulher Bóe na sua própria perspectiva	
Capítulo 2. <i>“Por que?” Texto-Voz de Maria Pedrosa Urugureudo.</i>	37
A língua Bororo	
A aldeia Meruri	
Meu pai Kogéri	
Canção em Bororo	
Escola em Meruri	
Sobre ser “mãe das almas “	
Estudo II. “Nem tudo foi perdido ou deixado de lado”: os Bakarus na escola.	55
Capítulo 3. <i>“Isso que quer dizer Mãe das Almas” Texto-Voz de Leonida Akíri Kurireúdo</i>	

Estudo III: <i>Ideias para adiar o fim do mundo</i>	64
Capítulo 4. <i>“Então, eu vou falar sobre a mãe das almas” Texto-Voz de Muga Pedrosa.</i>	67
Estudo IV. Dois Bakarus para adiar o fim do mundo.	83
Bakaru do Aije	
Bakaru do Baitogogo	
Capítulo 5. Bakaru de Tóri Búgu, Texto-Voz de Muga Leonida	87
Comentário: A relação entre a avó materna e a mãe de almas na história de Tóri Búgu contada por Leonida.	94
Conclusão em aberto: <i>De que paz fala a minha pesquisa?</i>	95
Referências	97

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para as Múga Maria Pedrosa Urugureúdo e Leonida Maria Akíri Kurireúdo pelo conhecimento e sabedoria da cultura Bóe e por estarem contribuindo com os trabalhos, e ajudando a nossa comunidade em geral. E também não podia esquecer da minha família, minha esposa Idalina Ikuíe Eimejerágo e filhas Marina Tawíe e Máyra Atuí Ekureúdo por todos esses anos ao meu lado, dando força e incentivo em minha luta. Agradeço também à minha comunidade de Meruri, que confia em meus trabalhos como docente e também aos meus professores que contribuíram em muito em minha evolução como pessoa e profissional da educação escolar indígena.

Apresentação. 1. Preâmbulo :De que dor fala a minha pesquisa?

Ela fala da dor da morte da perda da vida, mas não só da vida de uma pessoa bem como também de um povo. De um povo que foi forçado a renunciar sua originalidade para poder sobreviver. Para isso, teve que se submeter a várias ações para não desaparecer...

Sobrevivemos, mas sentimos que falta algo, sentimos um vazio, sentimos em muitos momentos a falta de algo que não sabemos o que é ...

Adquirir elementos de outra cultura é necessário no sentido de melhoria, no entanto, fazer isso sem refletir onde isso pode nos levar é muito perigoso e, logo, o que vem `a mente é essa imaturidade...

Outra maneira que pode acabar com a vida é a visão de fazer a leitura da vida de forma um tanto infantil, é o conhecimento escolar achando que ele é completo.

E desconsiderando os conhecimentos milenares vivenciados na prática da vida.

E, no momento, estamos vivendo esse vazio, procurando preencher em lugares longe da nossa realidade.

Fomos convencidos a buscar solução fora da nossa natureza.

Fomos mortos primeiros pela mente e não percebemos isso.

A nossa grandeza e magnitude está nas nossas raízes.

1.2. A Pesquisa.

Objetivos

- *Ganhar confiança para escrever um texto de autoria Boe, respeitando a nossa fala-escrita e modos de pensar*

- *Aprender com o que outras pesquisas escreveram sobre os Boe e os indígenas no Brasil*

- *Estudar a função das “mães de alma” na vida Boe e nos ritos do funeral*

- *Entrevistar, transcrever e registrar a voz de duas mães de almas de grande importância em Meruri, de modo a fornecer informações valiosas de Histórias de Vida em Meruri para estudos futuros e no nosso presente.*

Nota de Orientação de Leitura

A forma dessa pesquisa segue a reflexão da Produção Partilhada do Conhecimento (Bairon) para a construção de narrativas coletivas da cultura Boe (Brandão) e seu legado para as gerações presentes e futuras, tendo por base as práticas do Laboratório de Escrita e de Escuta (Librandi)¹.

O estudo do funeral Bororo foi se transformando em um texto vivo que traz as vozes de Muga Pedrosa e Muga Leonida, junto com a voz narrativa do pesquisador. O texto-voz foi diagramado de modo a realçar a fala oral por escrito, e auxiliar a leitura para ouvirmos melhor o que aqui se inscreve.

¹ Referência aos trabalhos dos professores Sérgio Bairon, Aivone Carvalho Brandão e Marília Librandi, que orientam o Projeto Bakarú na Aldeia Meruri.

Capítulo 1. “Será que um dia isso poderá ser diferente?”.

Meu nome é Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu, nasci na aldeia Meruri município de General Carneiro MT, Brasil. Segundo a cultura Bororo, sou da metade exogâmica dos Tugarege, pertencente ao clã dos Iwagudu dóge kujagureu. De acordo com a classificação regional somos os bororos bóku kejeugeuge(moradores do cerrado).

Sou filho de Maria Auxiliadora da Silva, do clã dos Iwagudu dóge kujaguréu. E de Valdomiro Bento Araujo Bororo, do clã dos Badojeba. Portanto, pertenço ao clã do Iwagudu dóge kujagureu por causa da minha mãe e uma ligação também aos badojeba por causa do meu pai.

Estudei na escola da minha aldeia chamada Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus. Desde o primário dos anos iniciais, ensino médio, e finalizei o ensino médio na cidade de General Carneiro, MT, na Escola Estadual João Ponce de Arruda. Isso porque na época não tinha ensino médio completo na aldeia.

Após finalizar o ensino médio, cursei graduação na Faculdade Indígena Intercultural 3º Grau Indígena, na cidade de Barra do Bugres MT. Iniciei em 2006 e terminei em 2009. Em 2011, iniciei o curso de especialização em Educação Indígena pela mesma instituição em que graduei, finalizando no ano seguinte.

Venho trabalhando como professor na nossa escola desde 2008, procurando atender as expectativas que a comunidade deposita na minha pessoa como professor. Procurando conciliar o mundo Bóe e o mundo externo a nós. Valorizando, principalmente, a cultura bororo que é muito complexa e rica.

Busco me capacitar cada vez mais para que eu possa, da melhor forma possível, corresponder com as expectativas da minha comunidade de Meruri.

Lembrando que cada clã tem sua participação nos Bakaru e na constituição do povo bororo, os Iwagudu dóge tem uma participação na grande inundação que está no **bakaru**, onde o espírito Jakoméa (pertencente ao clã dos Iwagudu dóge) foi flechado por um chefe bororo, e o espírito era semelhante a um peixe. Após ser flechado, o espírito Jakoméa causa uma grande inundação matando a maioria dos bororos.

NA ESCOLA

O meu início de vida foi aqui mesmo na aldeia Meruri, por causa de complicações de parto e por ser pré-maturo de oito meses tiveram que levar a minha mãe para fazer o parto de cesariana na cidade de Aragarças, GO.

No mais, toda a minha infância foi aqui mesmo em Meruri. Estudei todo o primário e fundamental aqui mesmo. Por não ter ensino médio aqui, em um ano fomos na sala anexa da vila de Paredão Grande. No caso, foi no primeiro ano do ensino médio, no ano seguinte já não teve. Não estudei o segundo ano, e já me passaram para o terceiro ano do ensino médio. Em seguida, me retirei

para a vila de Paredão Grande para estudar, mas não me adaptei, e acabei retornando para a aldeia. No ano seguinte, com mais rapazes da aldeia, fomos estudar em General Carneiro, MT, onde concluí o ensino médio.

Mas também foi lá que vi como os não índios tem preconceito e discriminação contra o nosso povo.

Portanto, cresci aqui mesmo em Meruri.

Só me retirei para estudar e logo voltei, e vivo aqui na minha aldeia de Meruri.

A LÍNGUA BÓE

Falo pouco e entendo pouco também a lingua Boe.

Passei muito tempo de criança com minha avó paterna, e ela falava muito em bororo com outras senhoras da idade dela, e que era somente na língua bororo. Portanto, de tanto ouvir, eu ia aprendendo, mas depois tive que ir na escola, e isso interrompeu esse processo de aprendizado.

Na escola, as professoras só falavam em português conosco bem como nossos colegas. Após isso, não convivi mais como antes como a minha avó, e fui esquecendo bastante e outras pessoas quase não falavam em bororo, por isso aprendi pouco.

Minha mãe e meu pai falam bororo, mas eles não são fluentes. Entendem muito bem, qualquer pessoa fluente que conversar com eles em bororo, eles irão entender. Mas não conseguem se expressar fluentemente. Eles pegaram a fase

que nós não passamos, que foi a fase onde se falava mais bororo do que agora. Eu falo pouco e entendo pouco também, minha esposa entende muito bem, mas não consegue se expressar espontaneamente. Os pais dela já são fluentes tanto em bororo como em português.

Sempre há um professor do quadro dos professores da escola de Meruri que ministra as aulas de língua bororo. Mas não temos um professor fluente aqui na aldeia Meruri. As vezes, em reuniões, tocam no assunto sobre língua bororo, mas fica por aí mesmo, não tem ações ou planejamento para ações, ou uma mobilização para ter algo mais concreto sobre o assunto.

SONHO PARA O FUTURO DAS CRIANÇAS BORORO

Que elas valorizem a cultura bororo no sentido de vivenciar ao máximo a sua essência. E que nunca sintam vergonha da sua origem e língua. Aprender ao máximo a riqueza de sabedoria que a cosmovisão bororo tem para viver nesse mundo, que está em constante procura, mas que essa procura é vaga, não se sabe o que procurar, e então menosprezam as coisas mais importantes e simples da vida e natureza. Tudo nos é dado pela natureza de graça, e reconhecer nela um componente, que dela fazemos parte. Tudo isso para viver os desafios que o mundo não-índio propõe e ainda vai trazer.

CRIANÇA EM CASA

A infância é uma das partes da vida que mais gostamos de viver. E nela adorávamos pescar no rio, e sempre nos era falado para termos cuidado com o rio pelo perigo com cobras venenosas, sucuri, arraia, afogamento, entre outras coisas. Aprendíamos a pescar, observando os mais velhos, observando pescarem de anzol, rede, mergulhando com arpão e, às vezes, com arco e flecha. Também acompanhamos durante as caçadas e, com isso, íamos aprendendo conhecimentos de caça e a perceber os perigos que poderiam ser encontrados.

A mãe da gente fala que nós pertencemos ao clã dela, e qual metade exogâmica pertence. Quais são nossos parentes: primos, primas, tios e tias. E com quem poderemos nos casar. E quando tiver cerimônias devemos respeitar, não fazer bagunça, brincar, correr no espaço do ritual. Andar a noite também é recomendado não fazer por causa dos espíritos maus.

Outros ensinamentos que tive foi o de respeitar os mais velhos, os pais, os tios, tias, primos, primas e outras pessoas da aldeia. Quando tiver pessoas mais velhas conversando, evitar ouvir, e não interromper a conversa deles, e ainda não fazer barulho para não atrapalhar. Ser regrado nas suas ações, como não falar alto, gritar, brincar muito pesado com os outros. Quando se alimentar na casa dos outros, comer pouco e evitar falar mal das condições deles. E sempre ter vergonha de fazer coisas que vão te envergonhar.

A EDUCAÇÃO SALESIANA

Vamos dizer que eu início a minha existência com o sistema já em desenvolvimento. Os nossos antepassados aceitaram o sistema, diferente em vários aspectos e muita disciplina.

O nosso sistema educacional é mais ligado à natureza, o nosso relógio é outro, mais lento, mas também muito reflexivo. Acompanhamos o sol, a lua, os astros do céu. O tempo da seca, o tempo das chuvas, o tempo do frio. Tempo da colheita, do plantio, do nascer das flores no cerrado. Do cantar de um animal ou pássaro. A conexão espiritual entre nós e os astros é como um familiar, como diz o Bakaru. Bem como com a natureza, os animais e plantas são como nossos parentes, que fazem parte de nós, e que nos protegem e querem nosso bem.

E isso tudo tem relação com nosso Deus e ele nunca diz para destruir a natureza: é para nós vivermos em harmonia com a natureza. Quando nossos antepassados decidem aderir a outra forma de educação, adquirimos também outros valores, seguimos outros caminhos aparentemente. Pensamos que somos outros, mas sem saber direito o que seria. Até, em algum momento, queremos ser o outro. Mas logo nos deparamos com situações que fogem do nosso ser, do nosso íntimo, da nossa essência, e é claro que essa educação nos trouxe benefícios, que nos adequa a enfrentar outros mundos ou nos condiciona melhor para os problemas com o nosso entorno. Isso trouxe coisas boas e outras não tão boas. Talvez algo bom seria a escola e, por outro lado, o lado social nosso ficou muito prejudicado, trazendo muitos transtornos

mentais, facilitando o desenvolvimento do alcoolismo. Algo foi tirado e o que foi colocado no lugar talvez não traga efeitos semelhantes ao que foi.

‘COLÔNIA MERURE’

Sabemos que a colonização teve um papel importante em nossas vidas. Na entrada que dá acesso à nossa aldeia, havia uma placa dizendo ‘Colônia Merure’, e isso já diz algo significativo sobre nós. Ela está presente na nossas casas, na nossa fala, nas atividades sociais que fazemos como missa, baile, futebol, festas de aniversário e outros.

Lembro, quando criança, de diferenciar algumas palavras, se eram em bororo ou português, como na palavra **marigúdu** (faz tempo) **marugódu** (larva) **konorígi** (cigarra) e outras.

Outros indícios curiosos são os casos de propriedade: aquilo que adquirimos queremos só para nós, não queremos repartir com outras pessoas, e outra situação são cercas entre as casas. Nos tempos mais antigos, isso não acontecia. E algo que não deixaria de dizer é o alcoolismo que até hoje vem fazendo estragos.

Mas o que mais se destaca é a língua portuguesa chegando a ponto de crianças estranharem a língua bororo achando que é uma língua que não seria deles próprios.

PROFESSOR NA ESCOLA

É algo muito desafiador e transformador. Trabalhar com a mente das crianças e jovens te faz sair de um ponto de compreensão e te leva para outras possibilidades, que não existiam ou eram menosprezadas por mim.

É estar na pele do outro, sentir o que o outro sente, perceber o que o outro vê, é esperar no outro, no sentido de ter esperança nele, e perceber que o que os motiva é em grande parte a nossa pessoa.

E isso também nos faz perceber que eles são a nossa motivação também, e que isso nos faz ter uma procura constante em estarmos preparados para atuar na vida deles, nos sentido de eles terem um preparo em ambos os mundos Bóe e não-Bóe.

A ESCOLA DE MERURI

Anteriormente, a escola teve um propósito a alcançar, uma meta, um objetivo. E isso não teve o protagonismo bóe. Foi-se implantando um sistema que desse resultado para o propósito daqueles que implantaram a escola em meio aos nossos antepassados. E a escola esteve na direção não-bóe, mas esteve trabalhando conosco há vários anos. Disso, houve resultados bons e outros não tão bons. Por um lado, teve pessoas preparadas para trabalhar como motorista, pedreiro, carpintaria, eletricista, mecânico, tocadores de instrumentos musicais, entre outros. Por outro lado, foi deixado de lado muitos

aspectos da cultura bororo, principalmente a língua bororo. Outro ponto de destaque é que a escola de Meruri é uma das melhores escolas do povo bororo.

No momento, a escola está nas nossas mãos, nas mãos de nós, bóe. Já estamos enfrentando os desafios dessa mudança, e ainda temos que dominar as partes burocráticas e de funcionamento segundo as leis do Estado. É o momento de nós fazermos a nossa própria escola, seguindo as nossas raízes bóe. Todos os professores são bóe, e estamos nos preparando para esse desafio. Muitos já estão estudando mais, fazendo graduações, especializações, mestrados, e já tem os pioneiros iniciando o doutorado. Diante desse preparo que os professores estão buscando, a esperança é que isso se transforme em algo positivo para os jovens, crianças e a comunidade. Talvez, não sabemos o caminho que vá transformar a nossa escola para melhor, mas, com certeza, sem nossas raízes bóe, isso não vai acontecer, e esse é o nosso desafio: preparar as crianças na cosmovisão bóe e mostrar que tem outras visões também.

A ESCUTA

“Escrevendo aprendi a ler, do mesmo modo quando alguém ama, aprende a escutar.”

Marcelo Ariel.

Aqui em Meruri, temos a escola que nos faz pensar que poderemos ter uma vida melhor, no sentido de ter mais conhecimento, e de sermos mais capazes de mudar nosso ambiente para melhor. Muitas vezes, isso pode mexer com nossa capacidade de reflexão, e menosprezar coisas muito importantes para nós, no sentido de nossas raízes. Através da escola, crescemos e somos

mais aptos em lidar com o mundo que nos cerca. Mas isso não desenvolve a vida como pessoa humana e social. Se faz necessário ouvirmos os mais vividos, os que aprenderam com as lições da vida, e, principalmente, aqueles que, na nossa essência, tem a sabedoria bóe. Portanto, se estamos fazendo ensino superior, não quer dizer que somos deuses ou soberanos. A educação bóe é milenar, e ouvir os mais velhos, nossos pais, mães, tios e avós. Ao fazermos isso estamos gostando do que é nosso, amar o que é nosso nos traz a nossa essência.

Saber usar a capacidade da escuta para valorizar o que é nosso.

O FUNERAL BORORO.

Eu estudo o funeral bororo porque pertenço ao povo bóe, e isso também é meu pessoalmente, e a isso pertenço. No começo, não queremos estudar, preferimos ficar em casa brincando, pescando e banhando no rio. Mas nossos pais nos obrigam a estudar, por isso a gente vai estudar sem saber muito bem para que estudar. Mas hoje percebemos o porquê de nossos pais nos obrigarem a estudar naquela época. Hoje em dia, nós buscamos o estudo para retribuir algo importante para nossa comunidade e, se possível, para nosso povo. Deixar algo que é nosso para nossos filhos e a natureza é uma grande coisa que podemos fazer, e entender, e viver a nossa cosmovisão.

Uma lembrança muito boa que tive quando garoto ao participar do funeral tradicional. É uma tensão grande: você fica com medo, muita ansiedade, mas nossa atenção fica na iniciação que teremos que passar. Tem muitas coisas que

não poderíamos ver ou presenciar e que nos são passadas. Mas tudo isso é novidade para um garoto. Só depois é que vamos internalizando todo o processo. Mesmo assim, fica muitas coisas que não entendemos e, com o tempo e a idade, poderemos compreender. Com o passar da idade é que percebemos a espiritualidade pesada que existe no funeral. Quando você ouve os cantos de uma distancia considerada da aldeia, percebemos que aqueles cantos são diferentes de qualquer outros cantos e músicas, algo muito diferente. Talvez, não consigo decifrar, mas é muito espiritual: a atmosfera fica pesada e diferente, e então percebemos que os espíritos dos nossos antepassados se nos fazem presentes naquele momento. As mulheres choram por perceberem os parentes que já se foram. Mas precisamos entender mais a nossa riqueza.

VIDA de BORORO e de BRASILEIRO

Crescer em um lugar que você acha maravilhoso e, aos poucos, percebe que pertence a ele, e vai descobrindo coisas que são boas e outras nem tão boas. Começa a perceber pessoas e suas relações em vários momentos. Aprende muitas coisas em casa, depois vai para escola e descobre outro mundo, e vai se aventurando por ele. Até que, um dia, você tem a oportunidade de ir na faculdade, e então você vai, e mesmo sabendo que não quer ser professor. Mais tarde, percebe que esse papel é muito importante para a educação das pessoas, que você acaba se apaixonando pela profissão, e tem como você crescer profissionalmente e pessoalmente e, conseqüentemente, mais apto a ajudar a sua comunidade para melhor ou trazer boas esperanças.

E para nós bororo é muito importante porque temos que trabalhar para que nossos filhos saibam conviver com o mundo bóe e o mundo não-bóe. Também traz uma particularidade riquíssima, que é a possibilidade de estudar a nossa cultura e a nossa cosmovisão.

Mas quando penso, como sendo brasileiro não me dá orgulho porque o Brasil europeu não respeita o Brasil originário, por tudo que já foi feito.

Os não-índios sempre consideram povos originários como sendo inferiores, nunca aceitam que eles são povos diferentes, mas que precisam ser adicionados à sociedade “perfeita” deles. Todo não-índio quer mudar o povo originário, ele sempre tem a ideia melhor, melhor solução, melhor caminho, melhor forma de vida, e os povos indígenas tem que deixar essa vida de “miserável”, “progredir” e “ser civilizado”, não viver como índio...

Não entendo quando falam que os povos indígenas são os que atrasam o Brasil, se foram retiradas, desde a colonização, toneladas de ouro, diamante, madeira e outros, muito mais do que existe hoje nas reservas indígenas. Hoje em dia não sobrou quase nada. E ainda, mesmo assim, os povos indígenas são odiados.

É triste, como eles se dizem civilizados, se consideram pessoas de bem, mas não aceitam a diferença do outro, e não aceitam conviver com o diferente sem tentar alterá-lo. Será que um dia isso poderá ser diferente?

O MESTRADO

Penso que já estou vivenciando uma etapa diferente. No início desse mestrado, havia uma atmosfera esfumaçada, e as possibilidades de surgirem caminhos para nossos jovens em relação à nossa origem era desanimador. Pensava que com um mestrado eu estaria mais preparado academicamente no mundo não-indígena, mas estamos vendo que é um mestrado que nos está ajudando a sermos seres atuantes em nosso próprio mundo: o nosso mundo bôe. Está nos dando a chance de melhorar, no sentido de valorizar o que a colonização nos fez mudar e menosprezar a cosmovisão bôe. Mas estou vendo que isso pode mudar muita coisa que conseguimos salvar e vivenciar, talvez não como foi no passado, anterior à colonização, mas diferente do que foi até agora. Há esperança para outras possibilidades.

Creio que já estamos fazendo trabalhos na escola que não fazíamos antes, já estamos estudando e pesquisando mais sobre o Bakaru, e tirando deles algo concreto, já estamos vivendo na nossa pele. E já construindo o nosso conhecimento, que antes não tínhamos, e isso influencia as crianças agora e no futuro. Continuar estudando vai nos fazer crescer em muitos aspectos, e isso deve continuar porque os desafios não param de surgir.

Aprendizados nos Cursos

Percebi que existem muitos professores não bororos que sabem muito sobre os Bakaru e que tem muitos bororos que não os conhecem. Isso me fez pensar que a colonização fez um grande estrago em nossa estrutura social, religiosa e na língua. E eu cresci pensando que isso era normal e que não tinha muitas coisas que aconteceram para chegar ao cenário que vivemos.

O curso **“Os Mitos de Origem Ameríndios: o caso dos Boe (Bororos) e os Bakaru” (Diversitas, USP, 2020/1)** provocou em mim um sentimento que eu tenho de buscar minha origem porque não me sinto completo, me sinto vazio. Buscar ao máximo os conhecimentos bõe faz parte da minha procura, iniciando agora de uma forma diferente até quando a vida me permitir. Aprendi também que a mudança está nas crianças como aconteceu conosco.

O curso **Pensamento Ameríndio (Diversitas, USP, 2020/2)**, me fez pensar de uma outra maneira, atentar para mim próprio, ou melhor, olhar para minha origem como Bõe. O nosso histórico da aldeia Meruri foi sendo composto por várias influências, principalmente a força da colonização que, percebo agora, foi extremamente intensa e causou efeitos profundos em nossa comunidade.

Um ponto curioso que percebi foi o quanto de influências da colonização que eu carrego. E isso afeta até na visão de mundo. Claro, que já valorizava a cosmovisão bóe, mas a força da colonização em nós é tão forte que achamos que ela é nossa como se fosse parte da nossa origem. Algo muito importante foi retirado de nós e colocado no lugar, mas isso não foi e não é compatível com a grandeza que existia. E isso causou e vem causando transtornos, na parte social, muito graves. Penso que aquilo que foi colocado no lugar em nossa comunidade vem causando uma falta de perspectiva de vida muito grande, e isso vem causando, há vários anos, até hoje em dia, casos graves de alcoolismo e, em consequência disso, muitas mortes. E, muitas vezes, o governo e outros órgãos e sociedade envolvente nos taxam de preguiçosos e cachaceiros. Penso que é uma forma muito grande de falta de compreensão conosco pelo histórico de violência que sofremos. E que eles nos causaram e depois ficam nos diagnosticando com palavras de menosprezo, sendo eles que nos proporcionaram todo esse mal.

É curioso, mas no sentido negativo, pelos depoimentos das *lives* que tivemos, é que os povos originários do Brasil sofreram, em diferentes formas, outras semelhantes violências que sofremos. Se faz necessário nos prepararmos cada vez mais para lidar com a falta de compreensão dos não-indígenas, e buscarmos fazer valer os nossos direitos `a vida. Por outro lado, nos incentiva bastante sabermos que tem povos originários que estão se desenvolvendo sem deixar de valorizar a sua cultura e a natureza e ainda buscando parceiros que comunguem com eles esse feito.

Estudo I. A figura da mulher Bóe²

A mulher Bóe numa sociedade matrilinear

Falar da figura da mulher bororo é uma forma de ver a realidade de um modo todo especial. É essa abordagem que vem trazer o texto de Neide da Silva Campos (2021) e me fez ficar mais maravilhado. A mulher bororo carrega toda uma ancestralidade que a torna sagrada, ela é a base da cultura Bororo.

Todas as leis complexas da organização Bororo tem como base a mulher. Ela trás a matrilinearidade. Desde que nascemos, à nossa mãe pertencemos, as casas da aldeia pertencem a elas, os filhos são dela e os nomes pertencem aos nomes do sub-clã dela.

A mulher é vida em todos os aspectos, quando falamos algum Bakaru ela estará sempre presente e é lembrada, e também ela nos faz lembrar dos Bakaru.

Diz a autora:

“Analisamos, em diálogo com a literatura e as vozes das mulheres, como o processo colonizador impõe maneiras de ser e como isso refletiu nos processos identitários dos povos originários. Ao mesmo tempo, trazemos os processos vivenciados em movimento dialético e dialógico com o fluir da cultura bororo e da cultura ocidental, ambas em permanente relação de conflito e em processo de atualização nos corpos que vivem e produzem suas próprias ressignificações.” (p. 77).

² Escrito a partir da leitura de capítulos de *Educação da mulher Bororo - caminhos formativos na educação escolar indígena em Mato Grosso*. Tese de Doutorado de Neide da Silva Campos, Universidade Federal de Mato Grosso, 2021

Percebo que sofremos com as influências colonizadoras que, em certa quantidade, interferem na própria identidade, e também, de uma certa maneira, principalmente nas ideias capitalistas e materialistas. Mas, ao mesmo tempo, percebemos os aspectos dos traços da cultura Bóe na maneira de cuidar do filho(a) em todos os momentos e fases do desenvolvimento dos filhos (as). E a figura da mulher é mais forte na figura da avó, depois a mãe e, em seguida, a filha.

O que me veio logo à mente com a leitura que fiz sobre a mulher Bororo é que ela existe de uma forma muito diferente e diferenciada em relação ao mundo não-indígena. Ela passa para filho ou filha toda a ancestralidade que carrega, assim que o mesmo ou a mesma nascem. Desde o parto e, logo em seguida, no batismo, é oficializado o novo ou a nova membro (a) do sub-clã. O domínio que é nato da mulher é muito abrangente e que, nos moldes da sociedade capitalista, se manifesta impressionantemente como a resistência Bororo, e ela se mantém na mulher.

De forma que a colonização tentou adentrar utilizando moldes ou artificios para aculturar o povo Bororo de Meruri pela falta de compreensão da complexidade da cultura Bororo e, no entanto, não obteve cem por cento de efeito devastador na colonização do povo Bororo da aldeia de Meruri.

Diz a autora:

Grando (2004) exemplifica essa resistência inscrita nos corpos quando, durante o período de construção da Rodovia BR-070, com a exploração das suas mulheres pelos homens que circulavam nas obras, a decisão coletiva foi de que se fosse necessário iriam se extinguir, mas neste tempo em que a mulher poderia sofrer a violação de seus ventres sagrados, não teriam filhos,

ou seja, ficaram por 10 anos sem nascer nenhuma criança em Meruri (GRANDO, 2004). (p 85)

Essa situação é bastante diferente das reações que poderiam ser tomadas, principalmente em situações delicadas como a mencionada no texto acima. Característica marcante da ação da mulher Bororo, e que foi aceita por parte de toda a comunidade, é a de agirem conforme as mulheres decidiram. Porque ela é sagrada para nós, e é a base de tudo no mundo Bóe, portanto, se entregar à força colonizadora não era opção em hipótese alguma. E ter filhos de não - ndios seria acabar com o povo Bororo, e elas, as mulheres, estavam dispostas a resistir, e serem extinguidas, se necessário, e morrer com suas características próprias ao invés de se submeterem a uma situação incabível para o ponto de vista delas **Areme**, “as mulheres”.

A mulher, a casa matrilinear no corpo da aldeia.

A mulher Bororo, ou melhor, a mãe Bororo, vai muito além de ser mãe. Ela representa o lugar, a casa, a família e o domínio em seu lugar, na aldeia e na vida dos filhos e nos filhos das suas filhas e sobrinhos.

Naquela casa que é posicionada segundo o sub-clã, é a mulher que domina e pertence a ela e não o esposo. Inclusive, os filhos ficarão com a mãe, na casa, no caso de separação com o esposo.

Esse domínio tem como base a pessoa da Avó materna. Diante dessa complexidade, a Avó e a mãe são responsáveis pela educação da criança. Em tarefas domésticas e em outras relacionadas à cultura Bororo e aos cerimoniais

são ensinados quem são os parentes, tios, tias, primos, primas, etc. A menina sempre ficará na casa da mãe e o menino, depois de adulto, ao casar, irá morar na casa da esposa.

A casa da mulher Bororo é sagrada, pois pertenceu a famílias do mesmo sub-clã que não estão mais vivas. E qualquer violação à casa é `a mulher que se está infringindo. E é dessa forma que a cultura Bororo tem sobrevivido ao longo do tempo, e é nesses moldes que se faz a resistência da vida Bororo.

Diz a autora:

É por meio de *Aredu* (mulher) que as aprendizagens clônicas são transmitidas às novas gerações e continuam ao longo da vida na cultura *Boe*. A mulher tem uma referência e centralidade e é mediante uma educação cultural subsidiada e fortalecida por ela que a cultura bororo resiste e se mantém presente no cotidiano das relações socioculturais, nos diferentes contextos das aldeias, amalgamadas e imbricadas com a casa. (p.89)

É por ela, a mulher Bororo, que o alicerce da cultura se inicia, na sua construção. Ela carrega toda a ancestralidade do sub-clã, que será repassada para todos da família, principalmente para as crianças. É uma pedagogia vivida na prática e que se faz viva na pessoa da mulher Bororo como Avó e mãe.

A criança aprende o respeito aos mais velhos e às pessoas em geral. Todos os valores de respeito e as regras da cultura também são passadas na casa e que, no caso dos meninos, poderão ser complementadas na casa dos homens.

É através dessa complexidade, fora dos moldes da sociedade eurocêntrica, que se faz o ser Bóe e, conseqüentemente, a sua resistência diante da avassaladora ação capitalista desumana.

A mulher-mãe de alma

A mãe das almas é escolhida no funeral pelo conselho dos mais velhos. É escolhida uma mulher que já apresenta valores como responsabilidade, respeito e compromisso em tudo o que ela faz, e que a comunidade já tenha percebido isso nela ou essas características desenvolvidas por ela.

Após a morte de uma pessoa, se faz a escolha da mãe das almas daquele (a) falecido(a). Poderá ser escolhida uma mulher do próprio sub-clã. Caso não tenha parentes do finado(a) poderá ser escolhida outra mulher de outro sub-clã, que tenha bons valores de comportamento e seja boa na culinária Bóe. Simbolizando essa representatividade é entregue a ela o **Aróe Ikuí Powári** (cabacinha sagrada que representa o finado) simbolizando aquela pessoa falecida.

Também será necessário escolher o filho da mãe das almas, uma escolha semelhante à da mãe das almas. E, ainda mais, ele terá que ser bom caçador e pescador. A responsabilidade dele será grande quanto ao fornecimento de peixe e caça para a sua mãe cerimonial.

A partir disso, então, a mãe das almas, em todas as vezes que houver cerimônias, que envolvam as almas na casa dos homens '**Bái Mána Gejéwu**', ela terá que mandar a sua comida para lá, principalmente no funeral. No funeral, semanalmente, tem cerimônias e nessas cerimônias as mães das almas devem mandar comida para a casa dos homens. Normalmente, elas mandam comidas e bebidas mais leves sem temperos fortes. E também mandam comidas que os finados gostavam quando eles eram vivos.

A mãe das almas deve ser uma pessoa muito respeitada pela aldeia inteira. Ela é responsável pela alma de uma pessoa que já morreu e, agora, ela tem filho ou filhos cerimoniais, que não nasceram dela, mas a consideração é a mesma. Suas palavras não devem ser desrespeitadas, as almas a protegem e ela tem muita responsabilidade com eles. Desrespeitá-las ou magoá-las é `as almas que está se fazendo o mal. E uma mãe das almas pode representar várias cabacinhas, ou seja, representar várias almas.

A Reciprocidade

Nas palavras de Marcel Mauss (2003, p. 263): “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ - podemos dizer igualmente, ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ - elas e seus bens - aos outros.” (p. 118).

Achei bonita essa colocação das palavras interpretando a reciprocidade, sendo vista por um ponto de vista muito bonito. E analisar toda a reciprocidade que está na organização social Bororo e que, de primeiro momento, não conseguimos compreender e entender, mas podemos também perceber em relações interpessoais do cotidiano. Ao você fazer uma visita a uma pessoa em sua casa, ao receber em sua casa a pessoa, você oferece a melhor comida e bebida para a visita. E, quando essa pessoa for fazer a visita a outra pessoa, ela fará o possível para fazer melhor do que quando foi recebida.

A reciprocidade é um grande valor contido na cultura Bororo da nossa vivência. E mais forte e complexo está contida e formalizada nas regras e leis dentro das cerimônias do funeral. Essas ações cheias de significados se materializam em artefatos especiais e uma nova familiaridade é formalizada, e esse elo de muito respeito e consideração de reciprocidade entre pessoas e espíritos.

A Mulher-Muga Pega – A Avó.

Essa relação da infância vivenciada junto com a avó materna é maravilhosa. É o novo junto com o velho, mas o velho não sem valor, sem importância e menosprezado. O velho no sentido de amor, carinho, atenção e tempo para com os netos (as) e filhos(as). Juntamente a isso vem todo um processo ancestral herdado pelo sub-clã à que a avó materna pertence, desde tarefas domésticas corriqueiras e no complexo das cerimônias culturais. Ela ensina através de histórias contadas e ações, procedimentos dentro de cantos, da dança, artefatos, pinturas, onde os netos (as) acompanham atentamente cada passo. O velho construindo o novo. Mesmo hoje, com várias situações que exigem a mãe sair do ambiente familiar da casa como compromissos fora da aldeia, é com ela que os filhos ficam. Sob seus maravilhosos cuidados ela é a pessoa mais adequada para isso.

Diz Neide da Silva Campos:

Com essa explicitação dos processos de educação que são vivenciados nos corpos em relação, cada tempo e espaço específico, como no caso dos rituais, são momentos relevantes para as aprendizagens, tanto do processo de

confeção e acervos específicos clânicos como no caso dos ornamentos e dos significados dos lugares sociais e das representações que cada pessoa assume nesses contextos, dando sentidos à manutenção e continuidades dos saberes cosmológicos bororo. (p.120).

A pessoa da avó materna é importantíssima. Ela ocupa, através da sua casa, toda a maestria e hegemonia representativa do seu sub-clã. Ela ensina, conta histórias, canta, mostra, acolhe, alimenta, abriga, compartilha toda sua sabedoria e sua influência com seus parentes. Ela faz tudo isso seja em casa ou nas cerimônias na casa central.

A Mulher Cacica

Nos primeiros momentos em que fui lendo, percebi que o colonizador foi colocando ferramentas de funcionamento que atuassem naquilo que mais ganhasse efeito para com as estruturas tradicionais indígenas e, no caso do meu povo Bororo, colocar a figura de um capitão, e que mais tarde ganhou o nome de cacique, era materializar o efeito colonizador de mexer na estrutura social da organização Bororo e social em uma pessoa só. Isso sendo muito diferente da nossa organização social, cultural matrilinear, que considera a pessoa e figura da mulher na essência e em tudo que for de fazer, desde coisas simples do dia a dia até as coisas complexas e delicadas.

Mas, hoje em dia, a mulher está cada vez mais ocupando esses cargos políticos, que estão fora dos moldes matrilineares da cosmovisão Bororo. De certa forma, é de pensar que isso se faz necessário para mostrar aos homens como é que se faz as coisas corretamente. Também não passa a impressão que as mulheres

ocupem de forma radical até porque necessita-se tanto da figura do homem e da mulher e que ambos são complementares para a educação das crianças e jovens. E não podemos nos esquecer de sempre consultar as ações que planejamos, e o que poderemos fazer e em tudo isso sempre consultar a figura da mulher Bororo seja avó, mãe, esposa, tias, filha, sobrinha e mãe das almas. E era isso que nossos antepassados faziam e essa humanidade não podemos perder.

Diz a autora:

Percebemos, nos relatos, o poder da mulher no cotidiano do mundo *Boe* e suas responsabilidades. Se antes não eram aceitas como caciques, talvez porque a situação não exigia, na atualidade, surgem formas da mulher resistir e intervir no que assola muitas aldeias, o alcoolismo, conforme observado em Meruri. (p.128.)

Antes não existia a necessidade da mulher ocupar cargos políticos. Pela matrilinearidade ela já é fundamental, e não se fazia necessário que a mulher Bororo ocupasse esses cargos. Mas, com o contato com o colonizador e suas imposições foram com isso neutralizando as ações das mulheres.

E, hoje em dia, percebemos que o homem sozinho sem a participação da mulher não está conseguindo atender toda a complexidade da aldeia e o mundo fora dela. Vemos, então, cada vez mais a presença da mulher. E isso é muito importante e mais completo nessa caminhada em que estamos enfrentando e convivendo no mundo de hoje.

Ser mulher Bóe na sua própria perspectiva

O que me vem `a mente ao falar e abordar sobre a mulher Bororo, nos dias de hoje, é muito admirável. Após analisar o pensamento delas, onde elas colocam cada ação, cada manifestação, sempre na perspectiva de cuidar com muito carinho da sua família e de seus filhos, sempre buscando o melhor para eles, e quando tem a avó materna a completude é concretizada na ideologia Bororo de ter uma boa formação da pessoa Bóe tendo alicerce na educação.

O exemplo da avó materna, que é também sempre um refúgio de moradia com todo seu carinho e fonte de conhecimento ligada a essa ancestralidade, até a mulher Bóe de hoje, que se alia `as demandas e necessidades que o mundo atual nos exige desenvolver. E nisso ela consegue transformar-se e se reinventar porque, antigamente, não precisava, sendo avó, mãe, tias, irmãs, mas, hoje, surgem profissões que elas ocupam como professoras, enfermeiras, cacicas, acadêmicas, presidentes de associações, etc.

Diz a autora:

(...) elas expressam suas perspectivas de força e luta para falarem de si e desse lugar social comum a todas, o de mulher-mãe e para além do lugar social embricado com o corpo mulher, mesmo que nesse momento se configure como uma corporalidade mais fluida que ocupa diferentes espaços e tempos entre o privado e o público, entre o familiar, o clânico e o político na relação com o estado e a sociedade colonial.... (p.132/133).

A mulher Bororo sempre foi importante na vida Bóe até mais do que o homem. Ela trás a ancestralidade, que também carrega isso no seu corpo juntamente,

ocupa o seu devido lugar na sociedade, e ela faz a estrutura familiar e da aldeia. Sem ela, um sub-clã pode acabar e, conseqüentemente, o seu mundo. Por causa do colonizador, elas não ocuparam, logo no momento do contato, os cargos de liderança, mas também isso foi uma estratégia do colonizador. Mas, hoje em dia, ela está mais presente, ela ocupa os cargos de representatividade onde para nós, Bororo, se faz necessário por tudo que ela representa. E ela está na luta, e se manifesta hoje em dia também diante do Estado toda a sua ânsia e perspectiva, que não é só dela, mas de todo o seu povo Bororo.

Capítulo 2: “Por que?” Texto-Voz de Maria Pedrosa Urugureudo³

Meu nome completo é Maria Pedrosa Urugureudo.

Eu sou do clã do paiwóe, paiwoédu,

eu sou paiwoédu, paiwoerédu porque sou mulher,

homem paiwoédu, mulher paiwoerédu.

Eu nasci dia 28 de junho de 1962.

Sim, nasci aqui em Meruri e tô aqui até hoje.

Minha mãe chama Margarida Urugureudo.

Meu pai chama Frederico Kogéri.

Minha mãe sim, ela é daqui de Meruri.

Agora, meu pai, ele é lá do Pantanal.

Ele nasceu em Teresa Cristina (Terra Indígena Teresa Cristina),

aí lá, a mãe dele faleceu, pai dele também,

aí ele veio para cá, para nossa aldeia.

Aí aqui ele casou com minha mãe,

casou na cultura e casou na religião católica também

e aqui eles viveram até morrer de novo.

A língua Bororo

³ Conversa gravada e transcrita a partir de entrevista realizada em junho de 2022. O áudio pode ser acessado nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=1DwxuPX03IM>

Aprendi a língua Bororo com minha mãe, com meu pai, meus avós, meus tios, minhas tias.

Minha mãe falava em bororo tranquilo, só não conseguia falar direito português né? mais Bororo.

Meu pai falava em Bororo. Wle era um chefe de cultura, né?

Ele só conversava e entendia mas só em Bororo... Português, ele morreu sem falar direito, sem entender direito, a gente tinha que tá explicando para ele,

ele pergunta em Bororo e a gente explica em português para ele poder entender, para ele poder falar, para ele poder saber o que a gente tá falando e o que ele quer falar para a gente também.

Minha avó ela chamava Angelina Awurureúdo.

Meu avô ele chamava Vitor Araru Kuriréu, falavam só em Bororo.

A aldeia Meruri

Eu, na verdade, quando comecei a entender de gente né... a aldeia Meruri já era desse jeito aqui já. Tinha essa rua ali e essa outra aqui, só. Só tinha aquelas duas ruas. Quando eu comecei entender de gente, quando eu conheci, era desse jeito aqui.

Meu pai Kogéri

Meu pai Kogéri, ele é uma pessoa que era amigo de todo mundo. Ele não escolhia ninguém, se era parente, se não era parente, irmão, irmã... Tudo para ele era uma coisa só.

Então, ele atendia todo mundo, como ele era um chefe, um cantor, um cacique da comunidade e cultura, né?

Então, ele não olha aquele, ele atende todos por igual, não importa quem é, qual é, até, por isso mesmo ele deu um nome para ele, pôs nome bonito nele...

*E, também, ele era uma pessoa assim, que ele era inimigo de **bráedu** (não-indígena) forte mesmo,*

por que?

Porque lá na aldeia dele, lá na terra dele, os Bororo tava fazendo tipo uma inauguração, nós, Bóe Dóge, nós fala assim,

*“**Bóe enúre paríko batarúdo, Bóe núre paríko údo tuguie mágo bororóji...**”*

*Foi quando chegou esses não-índios, **bráe dóge**, com cavalo.*

*E atirou justamente nas quatro pessoas, que tavam enfeitados com **paríko** novo.*

Matou tio dele,

matou padrinho dele,

matou um irmão dele

e matou um companheiro dele...

companheiro que eu falo é um amigo dele.

*Matou os quatro com **baíga** (se referindo a arma de fogo)*

Aí uma alegria se transformou em tristeza.

*Aí, dali para cá, ele tomou raiva de **braédu**.*

E ele era criança ainda, então ele chorava muito e ele queria fazer vingança.

Então, daquele dia em diante, ele ficou transtornado, cresceu traumatizado, vamo falar assim.

Aí ele cresceu, ficou jovem,

aí perdeu a mãe,

perdeu, o pai morreu.

Aí ele veio embora para cá,

aí ele chegou aqui,

aí aqui foi o meu avô, minha avó, minha mãe aconselhando ele, ensinando, mostrando os caminho para ele, que não pode ser assim,

Foi difícil.

Mas ele morreu amigo de todo mundo,

Mas foi difícil, não foi fácil para ele.

Aí, então, aqui ele conheceu umas outras pessoas, mas Bororo mesmo né? umas outras pessoas,

Aí ele procurou aprofundar em tudo que era daqui nosso, para ele falar tudo, ensinar tudo que é daqui do nosso lugar.

Então, é daí que ele passou para mim, o que é nosso e o que é dele, de lá.

Então, nós somos todos Bororo,

mas nós temos as nossas diferenças,

os nossos costumes, as nossas línguas,

diferenciada de um de outro,

mas entendemos tudo o que é de um de outro.

Então, o que que acontece, nós fazemos é ... respeitar ...

o que é de um. o que é de outro,

porque cada um tem a sua, seu Bakáru, vamos falar assim

diferenciado de um de outro.

Então, ele procurou ensinar o nosso daqui para mim,

e ensinar o dele de lá para mim também.

Só, como eu era muito criança, mas o que ele ensinou para mim,

*o que eu prestei atenção que é nosso daqui, é meu,
esse eu guardei na cabeça,
é o que eu falo, o que eu ensino hoje pra nós daqui,*

por que?

Porque nós temos que dar valor no que é nosso. Igual, esses daqui também, deles, tem diferença de um para outro assim, então, nós temos que respeitar... cada um tem o seu.

*Isso foi o que ele passou para mim, ensinou para mim, **ele falou assim:***

“você não pode, as vezes você escuta assim de um jeito e de lá de outro parente você escuta diferente, você não pode falar, ‘ah tá errado, não é assim, não é assim’ Não, respeita: o dele é daquele jeito, o seu é desse jeito”,

assim ele me ensinou.

Ele falou,

“nunca deve ficar de mal com ninguém, você tem que procurar ter paz, nunca fica falando o que eu tô passando para você para qualquer um assim, assim ... não,

por que?

“Porque você vai receber muita conversa, muitas coisas ruins, mas você não deve dar ouvido, você tem que ser firme no que é seu, no que eu tô passando para você...”

Então é isso que tô fazendo até hoje.

Então, é por isso que eu não gosto de falar assim: “ah eu sei, isso aí eu sei, ah eu aprendi isso, meu pai, minha mãe me ensinou assim ...”

Eu não falo, fico alí quietinha.

Como agora você falando comigo é um momento que a gente tá falando, tá explicando porque muita gente não sabe essas coisas.

Então, pensa que tudo é igual.

Negativo.

Cada um tem a sua parte, não é tudo igualzinho.

Tem algumas diferenças em tudo.

Porque tem esses Bororo lá de Perigára,

*a lingua deles é diferente da nossa, mas nós entende o que que eles tão falando.
Eles também entende o que nós fala também.*

*Gomes Carneiro, Tadarimana, cada um tem o seu jeito de falar, a sua tradução,
um diferente um do outro, mas é tudo Bororo,*

Somos todos Bóe, só que cada um com alguma coisinha diferente de um de outro.

Vamos falar assim, é tipo uma religião,

e isso é uma religião, para nós é nossa religião cultural, tradicional,

então nós temos que respeitar religião de um de outro por igual

porque tudo é para um só...

Assim que foi o conselho, o ensinamento de meu pai para mim,

E aqui que ele morreu.

Aqui ele tá enterrado ali.

Mas a vida continua>

Se hoje to passando o que ele me ensinou para você

por que?

Porque ele tá vivo, ele tá presente em mim, então ele não se acabou,

ele tá vivo, junto comigo,

no meio de nós,

*junto com nós,
perto de nós
acompanhando nós.*

Só nós não vê ele, mas ele tá ali presente junto com nós, não é só ele não ...

Todos, é assim.

Esse é um pouquinho do conhecimento de meu pai que tô passando para você,

E a família dele, ele era rígido com nós.

Nós fomos internado no colégio.

Tudo bem, lá a gente aprendeu a falar português na marra, né?

Lá tem que ser daquele jeito, nós aprendemos.

Aí, quando chegou o tempo da gente ficar externo, que a gente ficava lá, e passava domingo em casa, aí, então, aí foi o momento que bagunçou minha cabeça.

Eu chegava em casa, falava: “bença pai”, o que que ele me respondia”

***oíno karéga bóe egóre júko, pái karéga núre ími, iógwa oíno bóe egóre, tóro
bráe re amagomóde bráe ewadáru tábo, ími réma karéga bráedo karéga núre
ími,***

Então, ele pegava duro com nós, comigo,

*língua portuguesa você vai falar lá com os brancos,
comigo eu só aceito em Bororo, porque eu sou Bororo, eu sou Bóe, eu não sou
braédu, e você, minha filha, você tem que me respeitar, falar comigo na nossa
língua...
lá português para lá, aqui, Bóe ewadáru.*

Aí, então, eu fiquei desse jeito, como eu falei para você já na primeira vez. Foi desse jeito conhecimento com regimento dele assim, firme. Tem que ser assim e assim.

Aí então, por isso, fiquei assim.

Eu aprendi um pouco, aprendi um pouco em português, aí eu levo as duas junto.

Então, por isso mesmo tem certas palavras que eu não consigo falar em português.

E em Bororo é a mesma coisa, tem certas palavras que não dá para traduzir para o português,

por que?

por causa disso, em português e em Bororo tem certas palavras que não tem como se encaixar ...assim.

Canção em Bororo

Tem vários cantos né, só que assim, só pra mim cantar, não dá, não tem.

A gente só canta acompanhado dos homens,

A gente canta junto com os homens,

Sem os homens nós não canta.

*Tem canto de, assim, de cantar para criancinha dormir, como que **braédu** fala?
Ninar...*

Esse sim,

que nós pega a criança,

nós banha ele,

dá de mamar,

aí a gente começa fazer ele dormir,

cantar para ele dormir.

A gente fala

*ámo, ámo, ámo jurúdo, jurúdo, jurúdo ámo bía, ámo bía, ámo bía, máto, máto,
máto, áe biri bú itonarigedu jóku kéje nudíwo, nudíwo, nudíwo.*

Esse é o canto de mulher para criança dormir.

Mas, assim, para outras partes aí já não tem.

Agora, nesse momento nosso agora,

agora que tá faltando gente que canta,

gente que entende, gente que sabe que nós agora,

nós mulher, agora, vamos ter que cantar né?

aprender cantar

por que?

*Porque não pode deixar nossa cultura morrer, nós tem que por ela firme,
não pode deixar ela acabar.*

Então, mas na realidade só esse que cantei para você escutar, esse sim.

Tem vários, mas o que eu sei e sempre fazia com meus filhos é esse daí.

Escola em Meruri

Quando eu fui para a escola, eu acho que tinha uns cinco anos.

Jardim de infância até quando interei 8 anos, aí fui interna.

Aí fiquei interna, eu acho que uns dois anos, e aí fiquei externa.

Passava semana lá e final de semana em casa,

até eu lembro que sai daqui com 12 anos,

por que?

Porque o meu pai falou:

“você já tá grande, você tem que conhecer meu povo, suas tias, seus tios então eu vou sair com vocês”.

*Aí, foi aí que nós saímos a pé que nem **maguro** (excursão para pescaria), fomos estourar lá no **Batovi** (vila com nome bororo) à pé, bem para lá para essas aldeias, para ele mostrar para mim conhecer o povo dele, só que nós voltemos para trás porque o lugar dele e o nosso era aqui.*

*Na cabeça nós tem que ser tudo juntinho aqui nesse **Aróe Eiáo** (cemitério), então tá todo mundo de volta.*

Só fomos dar uma passeada conhecer, aí voltemos outra vez para cá e aí aqui nós tamos aqui.

Sobre ser “mãe das almas “

Tá, aí, para mim ser mãe das almas, eu vi a necessidade, e vi que eu estava pronta para ser uma mãe das almas.

Porque o meu menino morreu no acidente.

*Aí fizeram **móri** (homenagem/retribuição) dele.*

*Aí para ele receber aquele **móri** dele*

teve que fazer cabacinha,

e pra ter essa cabacinha

tem que ter uma mãe pra ...

aí eu falei

“eu tô pronta -

eu vou segurar a cabacinha do meu filho. “

Aí eu fui atrás do veio Tadúgo (ancião bororo)

perguntei ele assim, assim, ele falou, é assim que é, assim que são as coisas,

mãe das almas não pode ser gente nova, porque ainda tá...

mas depois que já parou aí sim ... essa serve para ser mãe das almas,

porque ser mãe das almas a gente não é mãe só dos nossos filhos aqui do nosso povo que tá andando, tá vivendo.

Não.

Nós se tornamos mãe de todo mundo.

Todos.

Então, a mãe das almas ela tem que ter um ensinamento de tudo.

Por exemplo, assim,

Uma mãe que gosta de dançar, de brincar, de não sei o que, de festa, ela tem que se arrecuar,

se ela é braba, é nervosa, é briguenta, não guenta segurar, ela tem que deixar tudo isso, e mudar,

então, por isso é que mãe das almas não pode ser gente nova,

tem que ser gente já de idade

porque ela já sabe o lugar dela.

Aí então eu pedi para mim segurar a cabacinha do meu filho

E daí hoje eu tô com 10 cabacinhas,

O que que essas 10 cabacinhas é?

É muita coisa.

É muita coisa.

Por isso que você não vê eu brigando, ou xingando, eu caçando confusão com um, com outro. Quando eu vejo que tem alguma coisa errada pro meu rumo, eu afasto,

Deixo o fogo apagar,

Aí eu vou lá procurar paz,

Vou procurar aconselhar,

Fazer a minha parte de mãe das almas

Porque não é fácil não,

É difícil,

É muito difícil.

Trabalho de mãe de almas é sagrado e muito forte

por que?

Porque ela tem que ter união, tem que ter paz, tem que ter um amor, um carinho, uma luz por todo mundo,

Não é só para aqueles que ela tá com cabacinha,

Não é só para os parentes daqueles cabacinhas que tá com ela não,

É geralzão...

É geralzão,

Então, por isso,

Mãe das almas é igual um cacique,

Ela é igual assim uma pessoa que é chefe de cultura, por exemplo,

*uma pessoa respeitada
porque, por exemplo,
nós tamos fazendo uma reunião do povo,
não tem nenhum cacique ali,
mas tem uma mãe das almas,
o que a mãe das almas falar, aquilo lá é acatado,
porque não é uma palavra jogada fora,
uma palavra que ela vai falar já pensada já, ela já olhou, já ouviu tudo,
aí ela fala,
ela é atendida.*

*Ou, por exemplo,
ela fala alguma coisa, ninguém vai a favor, ninguém vai ...
aí entra o peso dos filhos dela que já se foram,
porque aí eles que vem fazer a volta, por causa da mãe deles.*

*Igual nós, eu, por exemplo,
se eu vir alguém bater na minha mãe,
vou brigar, vou lá ver,
se eu vir minha mãe chorando eu quero saber qual o motivo.
É desse jeito.*

Então por isso mãe das almas é sagrada, ela é respeitada

por que?

*Porque é uma coisa muito forte que ela vai carregar,
não é só para um dia, dois dias,*

é até morrer.

Por isso ela é respeitada,

por isso todas as mãe das almas,

quem entende,

quem sabe,

quem conhece,

por respeito, eles falam

“Múga”

não importa que não é tia, não é nada, mas é mãe das almas.

então ela chama

“Múga”

Isso é uma palavra muito bonita,

muito forte,

É um respeito muito grande que nós Bóe dá pra uma mãe das almas assim,

Por isso que nessa parte aí, foi eu mesmo que me prontifiquei para segurar essa cabacinha.

E aí foi vindo mais, e eu fui acolhendo, acolhendo,

Então, hoje, comigo, tenho dez cabacinhas,

Elas tão lá comigo,

Essa é a parte da mãe das almas que eu tô passando

Não é só isso não, tem muito mais coisa mas se nós for falar...

Mas eu resumi tudo aí, e dá para entender.

É, muitos funerais eu já participei, quando eu era criança, que meu pai, minha mãe eles iam e eu ia junto com eles.

Porque meu pai, como eu falei, ele é chefe de cultura

*Ele é um chefe de cantoria, de **Bakororo**.*

Nós tava na roça, eu vou contar um pedacinho...

Nós tava na roça, trabalhando, eles tavam fazendo, plantando arroz,

Foi quando nós chegamos para almoçar tudo,

Todo mundo sentado descansando,

E eu sempre ao lado do meu pai, aí ele falou com mamãe, ele falou,

“Akéra pemegáwo pagoróe rógu boéji, pagudáe ji boéji, áwu bóe etóre ekudáwu boéji jétu pemegádo tú je ía bóe umóde “

como se diz, “prepara nossas coisas, guarda, recolhe as roupinhas dos seus filhos, nossos filhos já, deixa direitinho prontinho porque alguma coisa vai acontecer”.

Porque o sinal dá nele, ele tremia aqui, aqui, aqui, aqui (se referindo às pernas e braços)

por que?

Funeral é sofrido, é doloroso,

aqui dói de tanto ficar assim,

aqui dói de tanto ficar assim (se referindo às pernas e braços),

então, primeira coisa, primeiro aviso que ele tem é aqui (braços e pernas),

aí ele já se prepara,

já deixa as coisas dele tudo pronto e de mamãe também.

Aí quando chegou aviso, antigamente, dava aviso

“ahh awogáí tcheroíno, bóe pegáre tchedábo kodíre ere tchedúdo máto awogáí, awogáí tcheroíno “

Aí o que que significa isso?

Nós viemos te buscar, nós viemos te convidar porque aconteceu algo triste na nossa aldeia.

Ele não fala, fulano que morreu.

Não é assim não

“ ia bóe pegaréu mugúre tchedábo “

Então já sabe logo que é morte né?

Aí nós já vai embora,

*aí saindo de casa, **ióga** já vai cantando,*

chorando a falta daquele irmão,

daquele parente que morreu até chegar na aldeia dele,

por que?

Porque ele é um chefe.

Ele tem esse dom de receber essas coisas assim, antes de chegar o convite para ele.

Eu tô contando essa parte porque eu acompanhei isso aí pro funeral

Aí eu fui crescendo mais,

acompanhando todos,

funeral que tem, a gente ia.

Aqui mesmo, eu fui em três vezes no funeral lá do outro lado do campo,

lá assim (referindo onde os Bororo faziam funeral atrás da aldeia Meruri de hoje)

que é lá que eles cantavam.

Nós ia para lá, nós ia e voltava.

O motivo você já sabe o que que é.

Aí as coisas mudou de novo agora,

depois que acabou todo esse pedaço aí,

Aí como eu já cresci naquilo, já sei o ciclo que é, quando eu posso, eu vou.

Não precisa falar,

“fulano, você tem que vir no funeral”,

“olha aqui, vai ter funeral na aldeia...”

Eu sei que é minha parte,

mãe das almas

Eu sou obrigada,

Eu não tenho querer,

Eu tenho que ir.

Eu só não vou quando eu não tenho condições mesmo,

não tem como, aí eu fico, mas aqui acompanho lá assim.

Aconteceu funeral em Gomes Carneiro (aldeia Córrego Grande)

uma vez, eu pude ir, eu fui.

Aconteceu em Tadarimana, umas três vezes, eu fui,

Aconteceu aqui no Garças, fui várias vezes,

Quantos? Se eu lembro quantos funeral eu já participei?

*Eu já participei desde criança até agora,
Então eu não tenho uma quantidade X que eu já fui,
Mas participei e vou participar.*

Estudo II. “Nem tudo foi perdido ou deixado de lado”: os Bakarus na escola.⁴

“... reconhecer e valorizar as contribuições dos saberes tradicionais...”

(CUNHA, p.302).

A partir do modo como foi construída a história e a formação da aldeia Meruri, assim como pelos agentes nela envolvidos e atuantes, podemos dizer que houve perdas e ganhos no percurso até hoje.

Em relação à prática da cultura bororo e de elementos culturais do nosso povo bóe e/ou bóku kujeuje (Bororos do cerrado, região de Barra do Garças MT), houve uma perda considerável.

Mas, por outro lado, foram feitos muito registros em relação à cultura bororo, mas esses registros não foram feitos por nós mesmos. E, sim, por padres Salesianos que, até hoje, estão conosco. Foram também inseridos elementos culturais antes não praticados, no lugar de muitos elementos importantes da cultura bororo.

É incrível que isso pareça ter sido aceito por nossos antepassados envolvidos no início do processo.

⁴ Reflexão a partir da leitura de “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”, de Manuela Carneiro da Cunha

Nesse sentido, foram usadas crenças religiosas, educativas, que estão relacionadas com os bakaru.

Um desses fatos, contado até hoje, é que um cacique muito importante, na época, havia sonhado com uma mulher branca de vestido branco, dizendo que os padres não iriam fazer mal algum para os Bororos, e que neles encontrariam a salvação, pois, naquela época, o nosso povo estava em constante conflito com Xavantes e não-índios.

Então, por causa dessa aceitação, somente os Bororos que aceitaram a presença dos padres Salesianos ficaram na aldeia dos Tachos, antes da construção da aldeia Meruri. Os que não concordaram foram para outras aldeias distantes, na região de Rondonópolis, por exemplo.

Claro que, diante desse contexto, nem tudo foi perdido ou deixado de lado. Há algumas práticas ainda realizáveis, como, até alguns anos atrás, o funeral que era praticado na aldeia vizinha, das Garças, onde todos os moradores de Meruri iam para fazer o funeral bororo.

Assim também outras cerimônias são ainda feitas em Meruri como, por exemplo,

o batizado,

a dança do couro de onça,

a pescaria,

a dança da sucuri,

a festa do milho...

Uma outra questão é a da escola, que ainda está sendo construída com as nossas características. É uma grande dificuldade deixá-la com a nossa cara. A escola está nas nossas mãos desde 2012 e desde então vem sendo um grande desafio para nós.

Além disso, outros pontos importantes da cultura bororo foram deixados de serem praticados, tais como cantos e a educação bororo desde a infância até a idade adulta.

Claro que algumas partes são vividas e passadas por algumas famílias, mas, hoje em dia, ocorre a situação de algumas famílias já não saberem dessa educação tradicional, que está contida principalmente nos bakaru.

Nos bakaru encontra-se a base da educação bororo em todas as fases. Os bakaru tem também uma ligação muito forte com o funeral Bororo, no qual há várias regras, normas e leis da funcionalidade, da reciprocidade, e homenagens, entre outros pontos importantes do funeral.

Assim, diante da situação atual faz-se necessário utilizar de forma eficiente o bakaru na escola, já que os pais depositam uma esperança grande no desenvolvimento de seus filhos nesse mundo globalizado e cheio de desafios. O jovem deve ser preparado para viver entre dois mundos de forma eficiente: o mundo bororo e o mundo não-bororo.

“... Há em suma muitos obstáculos a transpor, mas se não soubermos construir... estaremos desprezando uma oportunidade única. ”
(CUNHA, p.303)

Nesse sentido, é uma grande oportunidade, e não um problema, estar fazendo a educação bororo dos bakaru dentro da escola, porque, aí sim, estará sendo criada uma escola diferenciada, de acordo com a especificidade e o conhecimento do seu povo indígena.

Sim, existem muitos obstáculos, principalmente nesse mundo globalizado tudo está interligado e isso não é diferente para o nosso povo e filhos em Meruri.

O mundo da internet já chegou até nós, e, com isso, muitos outros aparelhos eletrônicos, e corremos o risco de estarem fazendo a educação dos nossos filhos se assim deixarmos. Desse modo, os jovens podem ser facilmente desviados para outras culturas que não a nossa.

Ainda acreditamos que podemos fazer muito pelo nosso povo de Meruri, principalmente falando da cultura Bororo.

O bakaru é uma boa oportunidade de trabalharmos a educação Bororo, e também as suas ligações com o funeral bororo. Mesmo que não possamos fazer o funeral completo, existe a crença de tudo que nele está contido e em cada um de nós também através dos bakaru.

Essas crenças, a religiosidade, a educação, a espiritualidade, estão interligadas com cada sub-clã e, conseqüentemente, com cada pessoa, mesmo que não pratiquemos tanto a cultura Bororo como no passado. Existem muitas coisas que estão interligadas com o nosso dia a dia e que, às vezes, não sabemos explicar nem decifrar, mas que estão presentes entre nós e no nosso ambiente.

Isso inclui desde maneiras de como se comportar diante de pessoas, lugares, comidas, horários, correção de erros, crescimento pessoal. Bem como sinais

que nos avisam de algo que possa nos ocorrer de mal ou de bem, como mal presságio, agouro, etc. Muito desses elementos estão contidos nos Bakaru, e não podemos perder essa sabedoria e, mais do que isso, sabermos vive-la e usá-la de maneira ética buscando sempre o melhor para todos.

Capítulo 3. “Isso que quer dizer Mãe das Almas” Texto-Voz de Leonida Akíri Kurireudo.⁵

Mãe das almas é uma pessoa que a gente tem que ter muito respeito...

Primeiro, começa da Mãe das almas impondo...assim, pondo respeito, dando respeito para receber respeito também.

Isso que quer dizer Mãe das Almas.

A gente prepara, a gente prepara as jovens meninas, começando da família da gente, a gente conversa com os filhos da gente, a gente ensina, a gente dá o exemplo.

Porque Mãe das Almas não é...

Se é a Mãe das Almas é mãe de todo mundo como Etcherádo e Tugarége, quem respeitar aquela pessoa, se ela se dá o respeito, então, ela é respeitada e aí todo mundo respeita.

Então, porque quando a gente é Mãe das almas, a gente tem que estar bem preparado

porque a gente tem que deixar várias coisas que a gente fazia antes:

brincar bastante, cortar cabelo, pintar, dançar baile, ficar rindo muito alto, ficar brincando com todo mundo...

⁵ Transcrição de conversa gravada em Janeiro 2022. Sobre a trajetória de vida de Leonida Kurireúdo [ver dissertação de mestrado de Lauro Pariko Ekureu.](#)

E é o que eu mais gostava de fazer...

Aí eu tive que deixar...

Por isso que, aos 46 anos, que eu comecei ser Mãe das almas.

Como eu perdi um filho,

Aí, como pai dele caçava, era caçador, matava onça, aí fizeram assim..

***móri** (recompensa, vingança) dele também,*

Aí, então, para isso eu tive que ter uma cabacinha.

Eu me senti um pouco preparada assim para assumir o posto de Mãe das almas

Porque aí a gente tem que ter cuidado com as almas

quando vai pescar,

quando vai caçar,

dar de comer,

ficar esperando,

ficar aguardando

*até a chegada para gente poder mandar canjica, essas coisas... **amiréo** (bolo de arroz), **aróe kúru** (chicha de arroz), que nós fala canjica, bolo essas coisas para os que foram caçar com os **Aróe**.*

E, aos 45 anos, eu peguei a cabacinha do meu filho e da minha neta,

que é filha da minha filha.

Mas só que ela tá ainda muito nova, mas aí na hora que vai,

as almas vai caçar, a gente tá tudo aí atento,

preparando as coisas para quando a chegada deles a gente dar a melhor coisa,

*dar melhor bolo, melhor **aróe Kúru**, melhor biscoito, melhor refrigerante, suco, alguma coisa que a gente tiver a vontade de fazer.*

A gente tem que dar o melhor da gente lá,

*a gente tem que fazer o melhor para a gente entregar no **Baító**,*

*para **Aróe Dóge** (almas) que fala*

que é uma da outra metade de lá,

que eu sou Tugarége, né?

Eu tenho que oferecer para aquela outra metade,

que fizeram a cabacinha do meu filho,

da minha neta,

então a gente tem que mandar para lá para eles tudo de bom.

Eu me sinto assim ...

eu me sinto bem,

como uma líder da minha comunidade,

do meu povo porque aí a gente tem...

As outras escutam a gente, mas a gente fala mais, não coisa que não deve, mas aí certas coisas que a gente não acha certo a gente fala com autoridade.

Estudo III. *Ideias para adiar o fim do mundo*

Eu gostei e muito, principalmente da ideia que fala da humanidade, que, comumente, os índios consideram, e muito, essa particularidade: de que tudo é um só e uma só humanidade. Mas os não índios enxergam a natureza fora dessa humanidade, externo aos humanos, que ela tem que ser explorada ao máximo, tirar dinheiro a todo custo dela, de forma desumana. Por outro lado, diante dessa visão exploradora e destruidora, existe a visão dos povos indígenas que é totalmente contrária à dos não-índios, tendo humanidade e natureza fazendo parte de um só. Cosmologicamente, espiritualmente e familiarmente. Onde tudo é ligado espiritualmente como um parente muito próximo. E que a natureza nos oferece tudo para nós, portanto, não devemos destruir aquilo que faz parte de nós.

O capítulo 2 apresenta uma parte muito complicada e decepcionante em relação ao Estado, por ter, ao longo do tempo, dificuldades de reconhecer e cuidar das populações originárias do Brasil. Antes, éramos vistos como povos em processo de integração e também como sendo parte do Brasil, mas como índios, atrasados e preguiçosos.

Povos indígenas estão tão ligados à terra, que ela é chamada de mãe, somos muito interligados ao lugar de origem que viemos, e isso faz parte de nós. E muitos povos indígenas hoje em dia ainda não tem terras demarcadas. Mesmo assim lutam.

Para o governo tudo é consumo, inclusive o que está debaixo de terras indígenas. É um longo caminho de luta e agora a questão atinge todos os humanos. Fica difícil para os não-índios encontrarem soluções, porque a solução talvez está naquilo que é o contrário do que eles vem fazendo.

O capítulo 3 mostra que a ideia de visão de mundo que é valorizada é a visão do europeu, e da globalização, e que povos bárbaros são povos a serem catequizados, purificados, a explorar.

Os povos do planeta devem pensar delicadamente em como deixar o mundo para as proximas gerações, porque o que temos hoje é porque recebemos de tal forma.

E como deixaremos para as pessoas que viverão aqui na Terra.

Abrir possibilidades para outras formas de visão do mesmo planeta, talvez seria uma forma de adiar o fim do mundo.

As ideias que prevalecem até aqui estão claras que são insuficientes para salvar o planeta.

Penso que consegui ampliar meu conhecimento, e o fato do desafio dos povos indígenas é complicado em varios aspectos pela dificuldade dos não-índios entenderem o planeta terra como nós povos indígenas entendemos.

Na primeira parte, gostei muito como outros povos indígenas pensam muito próximo como nós bororos pensamos. Na segunda parte, não gostei muito porque fala da falta de sensibilidade que o Estado tem com os povos indígenas.

Na terceira parte, a ideia de possibilidades de visão do mundo e cada visão somadas podem contribuir para todos nós.

Frase que gostei:

“ Ela não vai conversar comigo, não? Ao que seu facilitador respondeu: Ela está conversando com a irmã dela. Mas é uma pedra. E o camarada disse: Qual é o problema?” (p.17)

A ideia que não gostei foi a de que o governo não sabe lidar e cuidar dos povos indígenas do Brasil.

O texto me fez pensar, em muito, sobre a vida bororo de hoje. O perigo que a globalização pode nos causar se a gente permitir. Nem tudo está perdido, as possibilidades positivas para a vida bororo são grandes, só depende da nossa ação.

Temos uma rica cultura que podemos praticar intensamente por ela ser nossa, basta que as crianças tenham contato com ela, porque ela é rica e muito grande.

Os relatos dos povos relatados no livro se assemelham em muito com nossos Bakaru, tem muito o que aprender. Com o Bakaru muitas possibilidades poderão se abrir para deixarmos o mundo bororo para nossos filhos.

Capítulo 4. “Então, eu vou falar sobre a mãe das almas”. Texto-Voz de Muga Pedrosa⁶

Então, eu vou falar sobre a mãe das almas.

No funeral, qual é o trabalho dela? qual é a função dela durante o funeral?

Isso é, dentro de dois a três meses, é um sofrimento total, mas ela se comprometeu a ser mãe das almas.

Ela faz aquilo tudo com amor, tudo com carinho, trata todo mundo por igual, ela dá o respeito pra todo mundo.

E aí começa.

Primeiro, ela é escolhida no baito, do baito a pessoa vai, conversa com ela, ela aceita, eles pegam tudo as coisinhas do finado põem dentro da casa dela.

Ela e o marido dela, se ela tiver marido, o marido dela fica sendo o pai, ela mãe, eles fazem aquele baia, - baia eu não sei como é que braedu vai falar, - aquela tendazinha dentro da casa, aonde fica guardado todos os pertences daquele finado alí dentro.

Fica alí, guardadinho, ela zela daquele lugar. Anoiteceu, ela pega aquele lençol, coberta, que tá tampando alí, ela levanta ele, põe ele pra cima.

Amanheceu o dia, ela desce ele.

Isso é todo dia, dentro de dois a três meses, dependendo do finado que tá lá.

⁶ Conversa gravada e transcrita a partir de entrevista realizada em junho de 2022. O áudio pode ser acessado nesse link: https://www.youtube.com/watch?v=Vn4iA_DBeBs

Essa é uma regra que tem pra todos, e pra essa que eu tô falando agora é desse jeito.

Aí, vão fazer uma pescaria.

Vai fazer Boe paru lá no baiado, não é dentro da casa, é lá fora, lá onde está enterrado o finado que eles canta Roia lá.

Aquela mãe, mas antes disso, em sinal de luto total, ela derruba os cabelos.

Hoje nós derruba nosso cabelo, deixamos nosso cabelo bem baixinho, é um sinal de luto porque, antigamente, quando começava cantar nele Roia Kurireu, a mulher pega Baku, põe aqui no colo, aquela mãe pega um ato de cinza, põe, aí ela pega.

Ela arranca o cabelo dela tudinho, até amanhecer o dia.

Amanheceu o dia, a cabeça dela tá limpinha e os cabelo dela tá tudo aqui no Baku, é um sinal de luto.

Amanheceu o dia, ela molha a cabeça dela, o corpo dela.

Jenipapo,

se vê que jenipapo ele não acaba fácil da gente não,

mas é ele o sinal de luto nosso Boe Bororo é

jenipapo.

Então elas passam, sinal de luto, então ela põe respeito nela mesmo pra os outros que tá lá ver, e respeitar ela também. Não só ela, mas aquele finado que tá lá.

Num tem barulho, num tem gritaria, não tem briga, é tudo silêncio –

Conversar baixinho, respeitando aquele Baia, que tá na casa daquela mãe lá.

Quando chega esse momento que eu tô falando de pescaria, que que acontece?

A mãe, primeiro alimento do finado é água doce, nunca comida dura, sabe? somente líquido, tomar suco. Ela prepara o suco.

Quando o povo ajunta lá, que já vai cantar, ela vai levar aquele suco lá ela mesmo.

Durante a cantoria, eles vão tomando aquele suco até... acabou o Roia, entrega a vasilha, aí ela vai pra casa, com aquela vasilhinha pra casa. Ela lava, guarda, lá perto do baia, tudo dele ali, pendurado, guardado.

No outro dia cedo, vem, por exemplo assim: se aquele que está enterrado lá tem um irmão, tem um parente que canta, ele vem cedinho ali, e a mãe tem que tá com roupa, calçado, tudo pronto já dentro do baquite.

Aí ele vem cedo, ela fala, vai buscar nosso filho, que é o representante do finado. Trás ele pra cá, pra mãe dele, aí a mãe dele pinta ele, passa nonogo nele tudinho, amarra akigu aqui, aqui, aqui, na cabeça dele, perna dele, aí ele vai pro baito.

Esse parente vem e vai cantar naquele baquite, naquelas coisas dele ali até... Aí acabou, aí a mãe pega o baquite e entrega pro pai, aí o pai vai pra pescaria, com aquelas coisinha dele.

Por que que ele vai com aquelas coisinha? Porque aquele filho dela, que ela pintou, antes dele entrar na água, ele vai usar tudo o que esse finado usava, calção ou camisa, ou o que ele usava durante quando ele ia pescar e caçar quando tá vivo. é ele que faz isso, por isso as coisinhas dele vai no baquite.

Pescou, acabou, está de volta, vem dentro do baquite, entrega pra mãe, junto com os peixes, alguma coisa que ele pegou, e manda pra mãe dele.

Daí, ele vai pro baito, a mãe tá aqui já prontinho esperando com aquele suquinho de novo, leva o suquinho lá pro baito, pai dele leva.

*O homem vem, a mãe cozinhou o peixe, já separou, que vai pro filho no baito, fez o **bekuguzinho**, no caldo dele, põe lá perto do baia de novo, aí o cantor vem pra cantar, e ela vai cantar...*

Nessas cantoria do finado, na vasilha, no baquite, no bixo, no peixe que for matado, que vem todas mães das almas, ajudar aquela uma a cantar.

Elas cantam, elas vai embora, acabou, elas vai pra casa delas.

*Aquele **bekugu**, peixe, vai pro baito.*

Acabou, trouxe de volta o cantor, vem de novo pra cantar, elas vem de novo ajudar aquela que tá ali, elas cantam tudu juntos, todas as mães das almas ali juntas cantando.

Acabou, elas vão pra casa delas, isso não é só uma vez, duas vezes não, é durante o tempo que ele está ali enterrado.

*Aí eles vão fazer algum **Aroe, Aroe**, que eu falo, é uma dança, eles vão fazer uma dança.*

A mãe já prepara logo aquele suquinho, já deixa prontinho porque aquele lá ninguém pode mexer, ninguém pode beber, nada pode triscar, nem criança e nem ninguém, somente a mãe.

Tá lá guardadinho já, aí eles estão dançando, e ela percebe já tá pra acabar, ela enche o balde de água, e deixa ali perto do baia.

Aí acabou a dança tudo, aí a mãe manda aquela água pro baito outra vez, ela não leva, porque aí é os homens.

*O pai, que é o **loga**, leva, leva lá, e dá banho na pessoa ali, na sepultura ali, dá banho nele, é como se fosse tá dando banho no finado, porque ele dançou, ele entrou no movimento, então, um descanso, um banho pra ele.*

A mãe manda água lá pra fazer isso.

Aí acabou, aí vem a comida, aí, nesse momento, todas as mães, cada uma faz o seu.

*Mas aí, aquele primeiro aí é só suco, manda suquinho, todas as mães manda seu, suas ofertinha lá pro **baito***

Voltando, ela pega, lava direitinho, guarda limpinho lá, direitinho, isso é o tempo inteiro, tempo inteiro, até quando vai fazer os três últimos finais do funeral, aí sim, aí é mais pesado ainda.

*É mais pesado porque aí entra **amireu, aroekuru, kuiadakuru, noidokuru**, é... vai esse iworo, tudo quanto é comidinha que aquele finado comia, a mãe tem que fazer, as outras mães, que estão na aldeia já sabem, já passaram por isso, então, elas também vem, ajudam também, faz tipo aquele banquete, sabe, aí leva, ela manda pro baito, já é despedida dele, que faz aquela roda no Bororo, tá despedindo.*

Nesse dia, ele vai comer, vai beber, tudo que ele comia, ele gostava. Ele come através de quem?

Através de quem está representando ele.

*Tá, aí chega de noite, chega de noite, começa, tem aquela pessoa que faz **wadodu**, ele estica a mão pra cá, convidando, tudo **Aroedoge, Aijedoge** desse rumo aqui, até lá no Bororo.*

Ele vira pra cá, ele chama esses de cá outra vez, esses que fica dentro da terra, fica dentro do rio, onde que estão, convida eles pra cá, e assim vai convidando, leste, oeste, norte e sul, todos, para estar naquele momento porque agora já vai começar, já vamos fazer a passagem daquela pessoa pra nossa aldeia grandão onde vamos morar.

Aí todos vem, aí aquela mãe que tá alí de luto, a porta da frente dela fica trancada o tempo todo, não se deve abrir a porta dela, só abre quando vai levar alguma coisa pro Baito, só abre quando vai trazer as vasilhas.

Ela não pode ficar brincando, rindo, passeando, andando, nada, é direto alí com filho dela alí guardando.

Eles fazem aquele movimento tudo, convida todo lado.

No outro dia eles recolhe aquela pessoa do buraco.

*A mãe já sabe, “Ah, já fizeram, já tá na hora”, ela vai caçar esse daqui olha, esse Apido, não é qualquer um, ah, é daqui vou cortar ele, não, ela escolhe, ela escolhe, aí tira, aí ela faz o baquite, que nós chama ele de **Kodo kigadu**, assim.*

Pra poder recolher o filho dela, e por alí dentro.

Então, ela procura fazer direitinho, bem feitinho. Escolhe a palha que vai ficar macio, ficar mais tranquilo, ela faz do tamanho que ela quer pro filho dela.

*Aí ela pega o **baquite**, e leva lá. Eles recolhe a pessoa dentro, aí fecha ele, o pai tá alí junto alí, ajudando alí, aí ele vem pra aquela baiado alí, deles alí.*

*Ficou alí, aí eles canta nele **Roia Kurireu** outra vez.*

A mãe tem que estar lá.

*Nesse momento ela se corta tudo, é um dever, é uma obrigação, é uma lei, uma cultura muito profunda, muito profunda, naquele momento lá no **baiado**.*

Aí acabou, ela já volta, já fica aqui esperando ele, porque de lá ele vem pro baia, baiado é lá no bororo do baito, aí ele vem pro baia - baia é dentro da casa da mãe, - ela recolhe ele, ela corre contra o abraço dele, do filhinho, aí ela pega, e põe ele lá entro do baia, aí ele fica lá.

*Aí eles faz **wadodu**, os homens faz wadodu.*

*Fulano de tal, você que vai fazer o **baquite**, que vai ser, já vai começar o funeral, então ela que vai fazer esse baquite.*

*Fulano, você que vai fazer o **baku**,*

*fulano você que vai fazer **je kejewu**,*

aí, aí ela tá aqui.

Quando elas terminam de fazer tudo isso elas avisam.

Tá, então, agora, vamos começar, aí o que que acontece?

*Leva tudo junto numa casa só, lá eles cantam nele, a mãe daqui, que está aqui, não vai não, mas as outras todas vão lá, eles canta nele no **baquite ji...***

*As mães com mais outras mulheres estão lá cantando **no baquite***

E essa mãe que tá aqui ta esperando, tá ouvindo lá, ela sabe, agora acabou, agora eles vem,

*Quando eles saem da porta da casa, cada um carregando o seu que fez, **baquite, baku, je kejewu.***

Essa mãe vai ao encontro, pra recolher, pra encontrar,

Ai elas correm, elas batem, abraça ele, pega dele, por que?

porque é alí que vai ser colocado o filho dela,

alí que vai colocar o crânio dele,

alí que vai cobrir a cabeça dele.

Então, é muito forte,

muito forte,

*muito doído,
doloroso,
mas é muito bonito
é muito profundo.*

*Ela recebe, ela trás pra cá, e põem direitinho alí, no baia de novo, baquite, põe **baku**, põe **je kejewu***

Começa outro canto aqui de novo, as outras mãe das almas estão todas alí junto com aquela ajudando ela cantar,

É sofrimento também alí junto, união, com amor, com acarinho alí, tudo unido alí.

Aí acabou,

*aí o **baquite** é levado pro baito,
lá eles pintam ele tudo com o clã da pessoa,
que já vai fazer o funeral dela,*

tras pra cá, pra casa, outro canto de novo, e sempre todas as mães alí junto esperando esse momento, esperando essa hora,

não tem descanso não,

esses três dias não tem descanso não.

leva pro baito, essa que tá aqui, ela já sabe, hoje é dia, aí, antes da pessoa vim pra recolher as coisinhas do finado pra ir pro baito...,

per aí, pulei uma parte,

*esse **baquite** do cesto dela vai pro baito, aí começa cantar, a pessoa canta até...*

*quando o dia amanhece cedinho, os homens pegam aquele cesto, e vai lá pro **aije muga**, vai pro **aije muga** com ele.*

As mulheres ficam aqui, cada um no seu lugarzinho, mas tudo ajudando a companheira delas, que tá alí, a mãe das almas, ela tá aqui também,

ela tá escutando,

ela tá cantando,

ela tá prestando atenção.

Aí o sol subiu um pouquinho, o cantor já puxa o canto mais forte, mais forte, assim que eu falo,

mais doloroso,

mais triste,

ele puxa esse canto,

aqueles lá do mato estão ouvindo pra cá, e nós aqui que somos mãe, parente, amigo, da pessoa estamos aqui ouvindo também,

tem um pedacinho assim que ele fala:

- Mato, mato, mato, mato,

aí eles já vem com ika, pana, parira, tudo tocando

já vem com aquele função dos homens,

essa é a parte dos homens com a pessoa pro baito porque já vai começar, e nós que estamos aqui esperando,

principalmente a mãe que está aqui dentro aqui, ela já levanta e fica aqui.

Por exemplo, aqui é o bororo, quando os homens chega aqui no perto do bororo, no começo do bororo, ela já vem encontrar,

aí vem todas as mãe das almas, todas as mulheres, menina, moça, todo mundo vem alí, porque vem contra ele, carrega ele no colo, pega ele no colo, dá aquela volta no bororo assim, um pega, outro, outro pega, outro pega, assim, até, terminou

entra no baito, entra no baito com ele, começa a função, função grande.

Aí vai, vai, vai, as mulher tá prestando atenção.

Por isso que eu falo, marigudo era só na inteligência e no ouvido.

Hoje não, hoje nós sabe escrever, ler, essas coisas, ficou mais fácil.

Marigudo não, era só escutando, olhando, prestando atenção.

*Tem uma parte, parte lá que eles canta, **okwa** ...*

Aquelas mulher, que fez aquele baquite, eles levanta, eles abrem um pano, uma esteira, alguma coisa, eles pegam aquele baquite, põem alí em cima, elas põem ele no colo, aí começa, aí terminou ela,

aí é nós as mãe das almas,

todo mundo vai lá, aí vem os parentes, vem os demais, comunidade inteira ver aquele momento alí, cada um se doando por ele.

Esse é um sofrimento, mas é um sofrimento assim, mostrando aquele carinho, aquele amor que a gente tem por ele, demonstrando que aquele amor, aquele carinho é eterno, ele nunca acabou, nunca vai morrer, todo mundo se doando por ele, porque o sangue que corre, correu na veia dele, ainda corre na veia de todos nós,

então, por isso, cada um se doa nesse momento - é homem, mulher, todo mundo.

Aí acabou, vai lá, eles faz aquele baia grandão dentro baito, a mãe aqui, ela já prepara água doce, qualquer coisa, água doce assim, esse daqui, como é que

fala, vinho de akuri, aí ela manda lá pro baia, quem tá lá cantando, tá chamando ele pra descer,

tem uns que descem rápido, tem outros não, eles ficam com medo, eles ficam tristes, eles não quer.

As outras almas ajudam ele, vão com carinho leva ele lá, aí ele toma tudo, aí a vasilinha é devolvido lá pra mãe dele de novo.

Aí sim, aí aquela mãe já sabe né,

agora chegou a hora,

ela desmancha aquele baia, que tem lá dentro da casa dela todinho,

vai ajuntando as coisinhas dele,

já deixa pronto,

porque já tá terminando,

vem as pessoas, vem,

pega aquelas coisinhas dele

e leva pra queimar,

porque aí já acabou o funeral, já terminou.

Por último, sai aquele nosso, esse daqui, eu falo nosso porque Tadugo pôs eu no lugar dele, eu sou as duas partes agora né?

*Eu sou **paiwoedu** e ao mesmo tempo eu sou **iwagudo** também.*

Fazer esse daqui, esse daqui parece uma coisinha de nada, parece que não é nada, mas é esse daqui, que nós que somos parentes nós colhe ele, nós vai buscar ele pra todo lado, nós acolhe ele, faz aquele fogo aqui, fogo aqui, pra eles correr com ele,

krau, krau, kra, krau, krau

esse é um tipo de benzeção

com essa nossa plantinha aqui.

Aquele fogo dele, aquela fumaça dele, espanta, tira, benze, acalma, apazigua a aldeia inteira

tudo que é mal, tudo que é ruim, essa plantinha aqui toca tudo.

É vida nova para aquela comunidade, é vida nova para aquele que se foi, a fumacinha dele ajuda ele chegar na aldeia grande.

Ele acalma ele,

consola ele,

ajuda ele chegar lá,

e a aldeia, ele abençoa a aldeia,

toca tudo quanto é doença,

quanto é coisa ruim da aldeia com esse daqui,

*por isso que ele é sempre útil,
por isso que eu respeito muito ele.*

*Quando eu vejo que as coisas tá duro,
tá ruim,
tá se sentindo mal, eu pego um,
faço fumacinha dele,
eu converso com ele
porque é nosso parente.*

*Então, tem muitas coisas bonitas,
muitas coisas boas,
muitas coisas,
então, é por isso que as mãe das almas tem que ser respeitadas,
um respeito profundo,
um respeito grande com as mães.*

*E esse respeito popular que eu falo,
é num chamar
Pedrosa,
Leonida,
Ana Maria,*

*Dora,
não,
Imuga Pedrosa,
ou então,
paje,
maje,
paje mage,
já é total,
aí fala o nome de cada um, assim.*

*Eu acho que vou parar por aqui,
pra frente, se houver mais outra coisa
até onde eu puder, eu vou ajudar vocês,
eu ajudo,
alguma coisa que eu sei eu vou passar pra vocês,*

*É muita,
muita coisa bonita,
muita coisa boa.*

Nossa!

*A gente conhecendo o que a gente é,
a gente vê que a gente é rico,
é muito rico, em tudo,
e um amor sincero,
um amor grande que nós temos por um pro outro,
assim, grande, é um laço firme,
não tem quem arrebeta ele,
porque por trás de nós aqui,
nós temos nossos antepassados também,
que laçam nós também.*

Assim.

Estudo IV. Dois Bakarus para adiar o fim do mundo

Eu vou comparar aqui alguns trechinhos do Bakáru que eu percebi que é semelhante aos assuntos da fala da *live* com o Ailton Krenak.

Bakáru do Aíje

Vou falar primeiro do **Bakáru do Aíje**, que é o espírito Aíje.

Ele foi descoberto por um bororo homem, no brejo na cabeceira, lugar alagadiço.

Ele pega e decide criá-lo como um serzinho, como um bichinho mesmo.

Então, leva ele pra casa dele, começa a ter afeto por ele, coloca num recipiente e cuida, cria ele, e cria esse afeto.

Eu lembrei desse bakaru e eu comparo quando Krenak fala dessa familiaridade que nós indígenas temos com a natureza. A gente não pega algo da natureza, destruindo, tirando a vida dela, dele ou de qualquer um bichinho, mas a gente pega pra criar, pra cuidar como se fosse algo mesmo da nossa família.

A gente é ser humano, mas a gente pertence à família como qualquer outro serzinho, inclusive quando a gente leva ele pra casa, a gente considera ele como da família.

Bakáru do Baitogógo

Outro trecho que eu quero destacar que tem no trabalho do Bakáru é o outro **Bakáru do Baitogógo**, que vai reinar no reino dos mortos junto com seu irmão.

Então, a história é a seguinte: vou destacar o trecho onde fala que, na verdade, ele está sendo traído por outro bororo.

Ele tem algumas esposas e uma dessas esposas está traindo ele

e o filho dele tenta avisá-lo, mas ele fica só trabalhando no seu arco,

até que chega um momento de tanto o filho dele insistir,

ele vai ver lá,

e aí ele acaba matando os dois.

Primeiro, ele não mata o homem, ele fere ele, que vai se transformar na anta.

Ele vai pro rio, vai para água.

A mulher dele é que ele acaba matando à noite.

E pede para os tatus cavarem buracos pra ele a noite. E eles fazem isso.

Aí, ele enterra e alisa a terra, e parece que não tem nada.

Isso que ele fez errado, ele fica com peso na consciência, peso de ter feito algo.

O filho fica perguntando pela mãe dele, e o pai sempre fica arranjando uma desculpa.

O filho fica chorando, chorando, e de tanto chorar ele se transforma no passarinho bem-te-vi.

E percebe que o pai o enganou.

Ele senta no ombro do pai dele e ele acaba defecando.

O pai vê as fezes no ombro dele, e pede para a outra esposa tirar.

Quando ela tira, ela percebe que tem alguma coisa ali.

De repente, nasce uma árvore que vai crescer, vai crescendo essa árvore, vai crescendo tanto que ele não consegue esconder aquela árvore, e ele acaba indo embora.

Ele acaba indo pro rio, e ele some no rio. Mas de tanto ele ir pro rio, ele vai para outro mundo, ele tenta voltar, mas a árvore está lá ainda.

Então, ele vai pro reino dos mortos, e ele fica lá, e só vem de vez em quando, quando ele fica com saudade dos bororo.

Então, com esse trechinho eu lembro do Krenak quando ele fala que tem uma tragédia que sempre acontece. Nas nossas histórias, no bakáru do Baitogógo, é isso, é uma tragédia, vamos dizer assim. Ele estava matando a esposa por traição. Mas ele fica com esse peso na consciência de ter feito isso, e essa árvore seria o peso do erro dele, que é tão grande e tão pesado, que ele fica com vergonha, e ele vai embora.

Com o homem capitalista não é assim, ele não vê nada disso, ele não tem afeto com nada, ele não se importa que está morrendo gente ou natureza. Ele só vai atrás do dinheiro, se for pra matar e para destruir ele não se importa, ele vai destruindo, o que importa é o dinheiro. Então, eu comparo esses trechinhos do bakáru juntamente com esses trechinhos da fala do Krenak.

Capítulo 5. Bakaru de Tóri Búgu. Texto-Voz de Muga Leonida

Meu nome é Leonida Maria, na nossa cultura é Akíri Kurieúdo.

Eu sou da etnia Bóe- Bororo, da metade de Tugarége.

Sou Apiborége.

Eu vou contar um pedaço de uma história que é de pai e filho.

Que o pai ciuvava do filho e então ele levava o filho no precipício pro filho morrer.

Aí ele levou o filho em cima de uma serra e falou:

- “vamos pegar arara.”

Mas só que o rapaz tinha uma vizinha, uma vizinha velha. Ela era entendida, sabia de tudo. Aí, então, ele consultava a vizinha.

- “Vó, meu pai falou que é pra eu subir lá pra pegar as araras vermelhas.”

Aí então a vizinha falou,

“tá bom, então, quando você tiver lá... (ensinou ele como fazer, né?).

Aí o pai levou. A hora que ele subiu no cipó para pegar as araras vermelhas lá em cima, o pai cortou o cipó. Onde que o filho subiu, ele cortou e o filho ficou lá para cima.

Então, aí, o filho, o menino, como a avó ensinou, ele fez. Matou vários calanguinhos que passavam por alí. Alí em cima da serra não tinha nada. Aí ele matou os calanguinhos, e amarrou na cintura, e se fez de estar morto. Aí ele,

como ele tinha matado os calanguinhos, os calanguinhos começaram a ficar com mau cheiro. Aí já foi ajuntando, ajuntando urubu e ele ficou paradinho. Aí ele falou para urubu comer as nádegas dele. Aí, então, um desses urubus comeu, só que com um propósito: que ele descesse o menino para baixo, ele ia descer com ele para baixo, aí comeu tudo. Aí urubu falou:

- “então monta nas minhas costas”.

Aí ele montou nas costas de urubu.

Aí urubu foi descendo devagar com ele...

Chegando lá em baixo,

ele quebrou as asas do urubu,

que ele tava em cima e urubu passou voando.

Por isso que uns urubus, que a asa parecendo que tá quebrada, nós fala **Batchiéje** desse urubú.

Tá bom, aí ele foi procurar o povo, chegou onde é o **bagáda** deles (fala **bagáda**, onde o povo vai fazer seus alimentos). Ficou um pouco, e partiram de novo.

Como eles estavam em caminhada, andando,
aí ele passou em um, olhou.

Mas aí a avó dele sabia que ele ia voltar.

Então, ela sempre punha alguma coisinha no fogo e ele comia.

Mas como o urubu tinha comido **perapóro** (nádegas), então saía, não ficava nada no bucho dele, saia tudo.

*Mas aí ele foi de novo, encontrou outro **bagáda**, onde os Bororo tinha feito acampamento para fazer suas comidas, para dormir. Ele olhou lá dentro do fogo, caçou lá no foguinho.*

*Lá, a avó dele tinha ajuntado, aí ele comeu **abogodóri** (uma batata do mato), que ela tinha assado para ele, né?*

*Aí ele engoliu, e parou, aí esse virou o **perapóro** (nádegas) dele. Aí tudo que ele comia já não saia mais, ficava preso lá dentro mesmo.*

Aí ele foi,

foi,

foi

Aí ele chegou perto de onde o povo tava caminhando

Aí ele viu a vizinha dele lá atrás,

Aí ele passou, falou com a vizinha assim,

passou como um pássaro,

aí vó dele percebeu que era ele,

aí ela foi indo

aí ela fez acampamento dela,

todo mundo acampou,

ela também fez o dela,

aí ela sabia que o filho ia voltar, então,

aí ela falou para ele,

*- olha, você vai vira **Batararéu** (um tipo de um calango)*

Aí como as crianças tavam flechando, brincando, flechando qualquer coisa, qualquer lagartixa, qualquer coisa

aí ele passou no meio das crianças correndo foi onde tá avó dele.

*Aí a avó dele pegou um **báko** em cima dele.*

Aí ela disse,

- “não, não mexe com ele, esse daqui vai ser meu, eu que vou comer”.

Aí ele virou homem.

Ele se transformou para ela, que ela sabia.

Aí vai o pai viu,

Aí fez outra coisa para ele, para ele poder fazer para ele morrer.

Mandou ele buscar cabaça no meio dos espíritos maus.

Ele foi, mas a avó ensinava como que era para ele fazer, então sempre ele voltava.

*Mandou ele pegar coco no meio do **kurúga** (lagoa), onde tinha muito os **Aróe Buiógo** (espírito piranhas), onde tinha piranhas.*

Aí então ela mandava, ensinava para ele, falava com alguns animalzinhos, como roedores, alguma coisa para pegar para ele.

Aí sempre ele trazia para o pai, e o pai ia assim com vontade de vingar dele né? por causa que ele tava ciumando dele com as mulheres dele,

Ele tinha duas né?

Aí então ele vingou o que o pai tava fazendo.

Ele tinha um irmão mais novo,

aí ele falou,

- “olha vamos, eu vou matar meu pai aí agora porque ele tá fazendo muitas coisas comigo, então agora eu vou matar meu pai.”

E aí ele ensinou o irmão dele.

*Aí ele foi, caçou, caçou uns paus mais forte que tem é **Ápi kíga**... é uma árvore muito forte, o cerne dela é muito forte.*

Ele começou fazer umas galhadas, como do veado galheiro né?

*Fez um chifre, um tipo de chifre com esses **Ápi Kíga**, que é um cerne muito forte, aí então ele falou para o irmão dele, ele falou,*

-“ vamos fazer uma caçada,”

Aí ele foram, todo mundo foram caçar,

Aí quando pai dele tava na beira de uma lagoa,

Aí ele falou, o irmão dele falou,

- “nosso pai está nesse rumo aqui ó”.

Ele foi lá olhando,

- “nosso pai tá nesse rumo.”

Ele fazia que irmão dele virava cotia, passava, e dava uma unhada no pé do pai dele, e saia correndo.

Aí pai dele queria flechar nele, mas não dava conta porque ele corria mais. Aí ele falava

- “nosso pai tá é nesse rumo aqui”

*Aí então ele amarrou bem o **kíga**, (**kíga** na cabeça é o chifre), um tipo de chifre bem duro na cabeça com cipó.*

Aí ficou bem firme,

Aí ele foi como veado galheiro

*Aí, quando chegou perto do pai, ele pegou com chifre, e jogou o pai dele lá dentro da lagoa, né? Onde que tinha muito **Aróe Buiógo**, essas piranhas. Aí na hora que pai bateu na água, as piranhas montou, comeu ele tudo.*

Aí sempre os Bororo falam que quando em cima dessas lagoas sempre tem umas folhinhas, sempre tem, eles falam que é gordura, pedaço do coração do homem que tava lá.

*Aí ele voltou,
todo mundo voltou
Aí o pai não voltou,*

*Aí ele ficou com as mulheres do pai.
Mas ele, ele queria vingar delas também, né?
Aí elas ficavam com ele, mas só que elas ficavam assim...
Perceberam um pouco, ainda mais que uma delas falou,*

-“Deixa eu caçar piolho na sua cabeça, deixa eu ver sua cabeça?”

*Aí ela começou abrir o cabelo dele para caçar piolho, e viu a marca do chifre.
Ela viu a marca do chifre na cabeça dele.
Aí ela mostrou para a outra.
Mostrou que ele que tinha matado o pai,
Aí, nessa hora, ele virou, e matou as duas...*

*Essa história eu ouvi desde pequena, meu pai sempre contava, mas ela é longa...
Aí eu sei que ela é longa desde o começo,*

*mas aí quem vai ler,
quem vai ver,
vai saber.*

Comentário: A relação entre a avó materna e a mãe de almas na história de Tóri Búgu contada por Leonida.

Na história narrada por Leonida, a avó materna é a que faz a relação com a Mãe das Almas, no sentido de cuidar do netinho dela porque ele não tem mais sua mãe e ela, como matriarca, nesse momento importante para o neto, ela ajuda, auxíla e protege nos desafios que ele precisa enfrentar, e precisa sobreviver, e superar todos os problemas que são colocados para ele.

No início, ela dá ensinamentos e orienta como ele deve fazer para superar os trabalhos propostos à ele. São desafios muito difíceis de serem superados, e ele precisa ter ajuda de animais porque eles podem fazer melhor as tarefas que para ele são muito difíceis. E além das ajudas dos animais e da avó, ela vai deixando comida preparada, cozida e assada com todo carinho para seu querido neto. Em cada acampamento e mudanças de lugares, que eles vão fazendo, ela deixa algum tipo de comida escondida para que ele encontre e possa se alimentar e aguarde os desafios que teria de superar. Esses aspectos e características são os que as mães das almas carregam: elas tem a responsabilidade de cuidar, ajudar, auxiliar, orientar, dar conselhos, proteger e alimentar com todo carinho de mãe que elas tem para com seus filhos espirituais.

Conclusão em aberto: De que paz fala a sua pesquisa?

Ela fala de uma paz misteriosa que, de início, achamos que é muito perigosa e difícil.

Mas, ao longo da pesquisa, análise, reflexão, conseguimos ver o que o nossos olhos não conseguem ver e perceber.

Só nas poucas coisas que acabamos por enxergar com nossas entrevistas e pesquisas vemos um outro mundo de possibilidades

Os valores materializados perdem valor...

O maior valor descobrimos que está na pessoa de cada um ...

Ela é única.

Digo isso porque em Meruri a colonização ainda é extremamente forte ...

A espiritualidade nos mostra que ela está muito na natureza ... as plantas, animais, solo, água, peixes, aves, o fogo, o alimento ... diferente da religião envolvente que se materializa em objetos.

No nosso mundo está um grande complexo misterioso e de difícil domínio ... e que poucas pessoas conseguem dominar

É muita dedicação e doação da pessoa.

Percebo, então, o complex, no sentido de valorização da pessoa/espírito/natureza alimento/sentimento/amor.

Ao colocar uma outra cosmovisão ... Isso não substitui o que é nosso... causando muitos problemas diversos e em sociedade...

É necessário olhar e nos percebermos de onde viemos para não sentirmos vazio, incompletes, sem alma, e sentirmos a pessoa e para as pessoas.

Referências

- ALBISETTI, C. e Venturelli, A. J. *Enciclopédia Bororo*. Vv. I, II, III e IV, Campo Grande: Editora UCDB, 1962, 1969, 1976 e 2003.
- AGUILERA, Antônio Hilário. *Currículo e Cultura entre os Bororo de Meruri*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- BAIRON, Sérgio. “A formação interdisciplinar e não-disciplinar na produção de conhecimento: ou o que ainda temos a aprender. A habilitação do senso comum nas esferas heterárquicas da produção de conhecimento”. In: LINARES, N. (Org.). *Comunicação e Antropologia visual*. São Paulo: ECA-USP, 2014b. v. 1, p. 62-73.
- BAIRON, Sérgio e LIBRANDI, Marília. “Escutas partilhadas: a Coroação de Reis Congo e “O recado do morro”, de J.G.Rosa”. *Eutomia*. Revista da Univ. Fed. Do Recife. 25(1): 85-99, Dez. 2019
- BORDIGNON, Mario. *Roia e Baile, os Bororos e as mudanças culturais*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- CAMARGO, Gonçalo Ochoa. *Boe ewadaru paru - Cartilha Bororo*. MSMT. 1984.
- , *Boe eno bakaru - Lendas Bororo*. MSMT. 1983.
- , *Meruri na visão de um ancião Bororo - Memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- , *Processo evolutivo da Pessoa Bororo*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- , *Pequeno dicionário português/bororo*. Gonçalo Ochoa C. 2. ed. Campo Grande: UCDB, 2005.
- CAMPOS, Neide da Silva. *Educação da mulher Bororo - caminhos formativos na educação escolar indígena em Mato Grosso*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso, 2021
- CARVALHO, Aivone. *O museu na aldeia: comunicação e transculturação no diálogo museu e aldeia* Campo Grande: UCDB, 2006.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico” .. *Revista USP*, (75), 76-84, 2007

- DORTA, S. Ferraro. *Pariko – Etnografia de Um Artefato Plumário*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 4, 1981.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- LIBRANDI, Marília. Os Canela e eu. Tecendo redes de tradução e de tradição” *ReVista : Harvard Review of Latin America*. Volume XIX, Number 3 Cambridge, MA :David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University. Spring/Summer 2020
- NOVAES, S. Caiuby. *Jogo de Espelhos*. São Paulo: Edusp, 1993.
- PARIKO EKUREU, Lauro Lopes Leandro. *Boe Joruduwa Boe Ero. A Educação Bororo e o Bakarú*. Dissertação de Mestrado. Diversitas, FFLCH-USP, 2021
- VIERTLER, Renate. *As Aldeias Bororo: Alguns Aspectos de Sua Organização Social*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, série Etnologia, vol. 2, 1976.
- VIERTLER, Renate. *Aroe J’Aro – Implicações Adaptativas das Crenças e Práticas Funerárias dos Bororo do Brasil Central*. Tese de Livre Docência. São Paulo: USP, 1982.